

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E  
TECNOLOGIA DO CEARÁ – CAMPUS FORTALEZA**

**DEPARTAMENTO DE ARTES**

**CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO**

**ÁLVARO RENÊ OLIVEIRA DE SOUSA**

**NARRATIVA ORAL E A PERFORMANCE DA MEMÓRIA EM  
CONCEIÇÃO DOS CAETANOS – TURURU/CE**

**FORTALEZA 2015**



**DEPARTAMENTO DE ARTES  
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO**

**ÁLVARO RENÊ OLIVEIRA DE SOUSA**

**NARRATIVA ORAL E A PERFORMANCE DA MEMÓRIA EM CONCEIÇÃO  
DOS CAETANOS – TURURU/CE**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Teatro como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Teatro.

Orientação:

Prof. Dr. Pablo Assumpção Barros Costa.

**FORTALEZA 2015**



**Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará**  
**Biblioteca Waldyr Diogo de Siqueira**  
**Catálogo na fonte**

---

S725n Sousa, Álvaro Renê Oliveira de.

Narrativa oral e a performance da memória em Conceição dos Caetanos – Tururu/CE.  
/ Álvaro Renê Oliveira de Sousa. - Fortaleza: IFCE, 2015.  
65f.

TCC (Licenciatura em Teatro).

Orientador: Prof. Dr. Pablo Assumpção Barros Costa.

1. TEATRO – TCC (TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO) 2.  
MEMÓRIA. 3. NARRATIVAS ORAIS. 4. COMUNIDADE QUILOMBOLA. I.  
Título.

CDD 306.4

---





INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ  
CURSO SUPERIOR DE LICENCIATURA EM TEATRO

ATA DE APRESENTAÇÃO E DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Banca Examinadora

Orientador:	Prof. Dr. Pablo Assumpção Barros Costa
1º Examinador:	Profa. Dra. Francimara Nogueira Teixeira
2º Examinador:	Profa. Dra. Maria de Lourdes Macena de Souza
Aluno:	<b>ÁLVARO RENÊ OLIVEIRA DE SOUSA</b>
Título:	<b>NARRATIVA ORAL E A PERFORMANCE DA MEMÓRIA EM CONCEIÇÃO DOS CAETANOS – TURURU/CE</b>

Data da defesa: 16 de dezembro de 2015. Hora: 19h30

Baseando-se na leitura prévia do trabalho e na exposição oral do aluno, a banca examinadora supracitada, e nesta data reunida na sala Espaço Zen do IFCE, considera avaliados os seguintes aspectos: domínio do tema; capacidade de formulação e sistematização das ideias; aplicação adequada da metodologia escolhida; discussão e racionalidade dos resultados apresentados e habilidade de redigir e se expressar corretamente. Avaliação pela qual considera esta banca o trabalho:

RESULTADO: Aprovado, com 10,0 (dez)

Parecer, sugestões e modificações a serem feitas no trabalho apresentado:

Considerar o pedido de revisão para a versão final.

BANCA EXAMINADORA

Presidente (Orientador): Prof. Dr. Pablo Assumpção Barros Costa

Pablo Assumpção Barros Costa

1º Examinador: Profa. Dra. Francimara Nogueira Teixeira

Francimara Nogueira Teixeira

2º Examinador: Profa. Dra. Maria de Lourdes Macena de Souza

Maria de Lourdes Macena de Souza

Fortaleza, 16 de dezembro de 2015.

Casa de Artes – IFCE

Av. 13 de maio, 2081 - Benfica-Fortaleza-CE

(85) 33073670 - CEP: 600040-53





## **ÁLVARO RENÊ OLIVEIRA DE SOUSA**

### **NARRATIVA ORAL E A PERFORMANCE DA MEMÓRIA EM CONCEIÇÃO DOS CAETANOS – TURURU/CE**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao curso de  
Licenciatura em Teatro como  
requisito parcial para obtenção do  
título de Licenciado em Teatro.

Conceito: \_\_\_\_\_

Data da apresentação: \_\_\_\_\_

### **BANCA EXAMIDADORA**

---

Dr. Pablo Assumpção Barros Costa (UFC) - Orientador

---

Dra. Francimara Nogueira Teixeira (IFCE) – 1º. Examinador

---

Dra. Maria de Lourdes Macena Filha (IFCE) – 2º. examinador

À minha mãe Conceição, seu fôlego de vida e seu sustento me deram coragem para questionar as realidades Caetanas e propor um mundo cheio de possibilidades.

## **Agradecimentos**

À Deus, por estar presente nessa minha caminhada.

À minha avó Dona Maria pela inspiração eterna.

Agradeço a minha mãe, a pequena Ana Carolina e Aline que a cada dia me alimentaram com o seu amor.

À minha família, aos amigos e colegas pelo apoio constante.

Ao IFCE e todos os seus profissionais, pelo aprendizado que recebi dos professores, sem eles essa caminhada não seria possível, em especial a Lourdes Macena e Fran Teixeira, pelo apoio, compreensão e amizade.

À Pablo Assumpção pela paciência, entrega e confiança na construção desse universo que é o TCC.

Ao Grupo Miraira e todos os seus componentes e colaboradores.

Agradeço profundamente a Almeida Junior e Juliana Veras pelo eterno incentivo.

À turma 2011.1 de Licenciatura em Teatro, por todas as nossas histórias e por todos os nossos abraços coletivos.

À Circe Macena, pelo que descobrimos juntos no meio do caminho.

À Paulo Sergio pelo apoio constante e carinho sem igual.

À Aury D'java pela amizade sincera e força no processo de pesquisa.

À Anderson Costa, pela colaboração.

Agradeço à Sammuell Lucas pelo amor e companhia, por entender as minhas escolhas e apoiá-las.

E principalmente a todo o povo de Conceição dos Caetanos que me abraçaram e que dão sentido ao que veio a ser este trabalho.

A todos vocês, de coração.

Muito Obrigado.

## Resumo

O presente trabalho apresenta uma introdução à memória coletiva e às narrativas orais da comunidade quilombola de Conceição dos Caetanos em Tururu, no Ceará. As comunidades quilombolas são grupos étnicos que se constituem por sua população predominantemente negra e que se estabelecem como grupo a partir de suas práticas próprias e suas tradições. Propomos neste estudo uma escrita livre, baseada na etnografia, tomando a performance cultural da narrativa oral como ponto de partida para o trabalho, buscando perceber a forma como se conta as memórias, bem como a forma que essas memórias adquirem no dia a dia das pessoas da comunidade. Como metodologia, utilizamos entrevistas semiestruturadas, análise de documentos históricos, bem como a observação participante, particularmente durante a tradicional Festa do Zumbi, onde se comemora também o dia de Nossa Senhora das Graças, padroeira da cidade. O objetivo deste trabalho foi investigar a tradição cultural e a memória coletiva dos quilombolas Caetanos como performances culturais da comunidade, contribuindo assim para compreender a performance como forma específica do patrimônio imaterial de uma comunidade na vida cotidiana das pessoas.

**Palavra-Chave:** Comunidade quilombola; memória; narrativas orais; performance.

### **Abstract**

This work is an introduction to the collective memory and oral narratives of the maroon community of Conceição of Caetano in Tururu, Ceará. Quilombo communities are ethnic groups that make up for its predominantly black population and that are established as a group from their own practices and traditions. We propose in this study a free writing, based on ethnography, taking the cultural performance of oral narrative as a starting point for work, seeking to realize the way they account memories, as well as how those memories get in the daily lives of people in the community. The methodology used semi-structured interviews, analysis of historical documents, as well as participant observation, particularly during the traditional Feast of the Zombie, which also celebrates the feast of Our Lady of Grace, patroness of the city. The objective of this study is to investigate the cultural tradition and the collective memory of Caetano quilombo as community cultural performances, thereby helping to understand the performance as a specific form of the intangible heritage of a community in everyday life of people.

**Keywords:** Quilombo community; memory; oral narratives; performance.

## SUMÁRIO

Lista de Abreviaturas.....	10
Lista de Figuras.....	11
1 INTRODUÇÃO.....	12
2 CONCEIÇÃO DOS CAETANOS – TURURU/CE – RECONSTRUÇÃO DO PASSADO.....	16
3 TEMPO, MEMÓRIA E NARRATIVA: ZUMBI CAETANO.....	29
3.1 Narrativa e Memória Coletiva.....	32
3.2 Performance como veículo condutor da narrativa.....	38
3.3 Oralidade e Performance.....	41
3.4 Performances Narrativas de Conceição dos Caetanos.....	43
4 AXÉ, AXÉ, ALELUIA: A FESTA DO ZUMBI E NSA. SRA DAS GRAÇAS.....	48
4.1 Experiência Etnográfica na Festa do Zumbi.....	52
4.2 A Noite da Festa do Zumbi.....	55
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
6 REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	63

## **Lista de Abreviaturas**

FCP – Fundação Cultural Palmares

GRUCON – Grupo de União e Consciência Negra

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

## **Lista de Figuras**

Figura 1 – Moradores da Comunidade Conceição dos Caetanos – Tururu/CE 2015

Figura 2 - Álvaro Renê e Valedeane Caetano (Dean) – Conceição dos Caetanos Tururu/CE 2015

Figura 3 – Dona Antônia Caetano – Conceição dos Caetanos – Tururu/CE

Figura 4 – Álvaro Renê e Sandra Caetano – Conceição dos Caetanos – Tururu/CE 2015

Figura 5 – Palco montado para a Festa do Zumbi – Conceição dos Caetanos Tururu/CE 2015

Figura 6 – Missa do Zumbi – Conceição dos Caetanos Tururu/CE 2015

## 1 INTRODUÇÃO

A relação que tive com o tempo sempre foi muito ligada aos meus antepassados. Essa relação também foi principalmente marcada pelo fato de que cresci ouvindo histórias que minha avó contava, histórias de um lugar que até então me era desconhecido: Conceição dos Caetanos, comunidade quilombola situada à 119 km de Fortaleza, pertencente ao município de Tururu-CE.

Quando pensamos em comunidades quilombolas, entendemos que são grupos étnicos, predominantemente constituídos pela população negra rural ou urbana, que se autodefinem a partir das relações com a terra, o parentesco, o território, a ancestralidade, as tradições e as práticas culturais próprias, definição que recolho do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, INCRA<sup>1</sup>.

Estima-se que no Brasil existem mais de três mil comunidades quilombolas; no entanto, até 2007, a Fundação Cultural Palmares (FCP) emitiu a certidão de autorreconhecimento para 1.170 comunidades remanescentes de quilombos. No Ceará, vivem cerca de 1.200 famílias em comunidades quilombolas nos municípios de Crateús, Tamboril, Aquiraz, Coreau, Moraújo, Croatá, Horizonte, Pacajus e Tururu.

Há alguns anos comecei, por influência da família, a visitar Tururu – CE, município onde existem diversas famílias afrodescendentes que moram em localidades fora do centro e também na sede urbana, destacando-se as Comunidades de Águas Pretas e Conceição dos Caetanos.

É preciso esclarecer que em nossa capital, Fortaleza, poucos são os que conhecem pelo menos uma comunidade quilombola na imensidão que é o Ceará. Este trabalho preocupa-se com o reconhecimento e a visibilidade da comunidade quilombola de Conceição dos Caetanos, dando ênfase a sua memória coletiva e as suas tradições orais que são passadas de geração em geração, objetivando criar condições também para outras pessoas estudarem e conhecerem tantas outras comunidades quilombolas do Ceará.

---

<sup>1</sup> Disponível em: <http://www.incra.gov.br/estrutura-fundiaria/quilombolas>

Longe do tempo em que seus antepassados viviam sob a ameaça dos açoites dos senhores de engenho, hoje grande parte dos quilombolas enfrentam outro inimigo: o preconceito dentro das próprias comunidades. Sabendo disto, busquei a partir deste trabalho, sensibilizá-los da originalidade dos valores afrodescendentes e da importância das experiências de vida da comunidade para ela mesma e para todo o Ceará.

O ponto de partida desse trabalho é uma atenção à performance em dois modos principais de organização que percebemos: a performance oral da narração e da conversa, através da qual muitas vezes a história da comunidade é recontada e a memória coletiva reelaborada; e a performance cotidiana dos corpos dos moradores, criando coletivamente a festa da padroeira e o dia de Zumbi. Para isso, investiguei o cotidiano da comunidade a partir de vivências em conjunto com os moradores, nos moldes da metodologia de observação participante, além da combinação de outros métodos etnográficos como entrevistas, diálogos gravados e troca de experiências, processos que foram fundamentais no processo de pesquisa para a construção deste trabalho. Portanto, o percurso metodológico utilizado apresentou, além do levantamento de literatura especializada, a pesquisa de campo com técnicas de observação, entrevista semiestruturada, registro imagético, videográfico e sonoro.

Iniciamos com um primeiro levantamento de literatura, realizando estudos bibliográficos com temáticas em História da Comunidade, Performatividade, Memória, Festas Populares, perpassando livros, artigos, monografias, dissertações ou teses, e documentários. Após essa revisão bibliográfica entramos no processo de imersão no trabalho de investigação de campo com o objetivo de conhecer a comunidade, sua memória e suas manifestações culturais e tradicionais.

O trabalho de campo reafirma a pesquisa como qualitativa e nos possibilita conhecer aquilo que desejamos a partir da vivência da própria comunidade, seus costumes e sua realidade. É transformar a observação de uma simples descoberta, em conhecimento.

A partir dos dados da pesquisa de campo teremos um grande material sobre a comunidade e suas manifestações artísticas, que trará o reconhecimento da comunidade para a comunidade. Assim, essa investigação também espera contribuir para educação cultural e tradicional de Conceição dos Caetanos - Tururu/CE, dando relevância a essas manifestações e às histórias vividas pelos povos passados até a

contemporaneidade. Ademais, a pesquisa exploratória de campo feita depois do levantamento bibliográfico, nos proporciona neste trabalho uma possibilidade de objetivar nosso olhar e ampliar nosso conhecimento sobre o local, além de nos dar um embasamento teórico, por ser afirmado pela comunidade por meio de entrevistas e conversas, além dos momentos de observação das vivências corporais e tradicionais da comunidade quilombola.

Como percurso inspirador para tal trabalho, tenho Ecléa Bosi (1994) em sua obra “Memória e Sociedade, Lembrança dos Velhos”, onde a autora faz um estudo sobre a recriação do passado, as memórias dos velhos e o que ela chama de “tempo de lembrar”, contando com as pessoas vivas que constroem essas histórias. As dolorosas e felizes histórias contadas pelos velhos, suas dores seus amores e lembranças que vão e que ficam.

Além disso nosso percurso passou também pelos estudos de Alex Ratts, antropólogo brasileiro que desenvolve pesquisas sobre as questões étnico-raciais na contemporaneidade e também uma pesquisa a partir do Reconhecimento dos Quilombos Cearenses.

Nosso percurso também passeia sobre as teorias de Maurice Halbwachs, sociólogo francês que desenvolveu estudos acerca da memória coletiva, como essa memória se materializa nas sociedades, qual o sentido dessa memória se manter viva e como esses processos se dão ao longo do tempo.

Não deixamos também de contar com as teorias da performance na contemporaneidade, identificando qual a influência dela sobre as questões relativas à memória coletiva da comunidade quilombola de Tururu/CE.

O trabalho está dividido em três capítulos que nortearão o pensamento acerca da pesquisa desenvolvida na comunidade. O primeiro capítulo nos apresenta um conteúdo histórico da comunidade, observando os pontos de partida que me ajudaram a estruturar a pesquisa a partir de experiências partilhadas pelas histórias que minha avó contava e ainda conta, não deixando de fora o material de pesquisa coletado com os moradores mais velhos da comunidade, que foram de fundamental importância dentro da construção do trabalho.

No segundo capítulo, apresentamos o material bibliográfico que norteia a pesquisa, como as teorias de Ecléa Bosi, no “tempo de lembrar” acerca do trabalho

com os mais velhos, os conceitos de memória coletiva e comunidade afetiva de Maurice Halbwachs, o conceito de performance cultural a partir dos estudos de Richard Schechner e Paul Zumthor, tudo costurado pelas narrativas orais recolhidas dentro das experiências na comunidade.

O terceiro capítulo conclui a pesquisa, apresentando as experiências dentro da festa do Zumbi, que acontece em novembro, realizada pela comunidade. A festa do Zumbi é a autorrepresentação maior de Conceição dos Caetanos, comemorando na mesma data o dia da padroeira Nossa Senhora das Graças e o dia da Consciência Negra. A partir da escrita em que propomos no trabalho, iremos percorrer e analisar os processos e dados que encontramos durante a pesquisa.

Ainda em relação à metodologia, propomos aqui uma escrita livre, pessoal, inspirada na experiência etnográfica, revelando ao longo do trabalho as tradições e o cotidiano da comunidade estudada. Os conhecimentos que foram necessários para esta pesquisa fazem parte de um material constituído de geração em geração e que mantém viva a continuidade cultural de Conceição dos Caetanos.

## **2 CONCEIÇÃO DOS CAETANOS – TURURU/CE – RECONSTRUÇÃO DO PASSADO.**

No presente, desde os tempos do passado. Quando o mesmo ainda era presente, ouvia-se histórias do lugar: histórias que minha avó contava deste lugar do qual, desde pequena, também costumava ouvir histórias de sua avó, de suas tias, de suas primas. Por todos os lados, em todos os tempos, aparentemente ouvia-se histórias.

Conceição dos Caetanos é uma comunidade quilombola situada à 119km de Fortaleza, Ceará, pertencendo ao pequeno distrito de Tururu. Do centro de Tururu até Conceição dos Caetanos percorremos o caminho de 8 km de estrada, na parte maior dela carroçal de terra batida. Terra de barro molhado de chuva, que, quando chove, lembra-me o cheiro de um passado do qual sinto saudade; muitas vezes até uma saudade inventada.

Falo de uma saudade inventada por entender que esse sentimento foi criado por um ouvir de histórias constante em minha infância, o que demonstra uma espécie de transmissão de sentimento entre gerações. Com base nessa lembrança e memória coletiva contarei algumas histórias desse lugar.

Desde menino, cresci escutando a palavra interior. “Ai, vamos ao interior!”; “Menino, lá no interior... é assim, assado...” e por aí vai. Cresci com essa sensação de que o interior era um lugar mágico e cheio de vida, de pessoas e de importantes descobertas. Não demorei para realmente comprovar do que se tratava toda aquela prosa sobre o interior.

Verdadeiramente, tudo o que ouvia sobre lá comprovou-se da maneira mais sincera, na vivência, materializada pela experiência do estar lá, que não teria outro preço maior, e, diga-se, melhor, do que sentir na pele tudo aquilo que só sabia então pela fala dos que estiveram lá antes. Essas pessoas me emocionam, pelo olhar, pela receptividade, pela maneira de se viver.

Aqui é comunidade, aqui o tudo é o todo e o todo é de todo mundo. Aqui o que é meu não é meu, mas de todos esses Caetanos que aqui vivem, assim como daqueles que chegam para visitar, por isso uso aqui, exatamente por ter saído de lá com a sensação de pertença a este lugar. Eita povão!

Minha avó, dona Maria de Sousa, nasceu em Conceição dos Caetanos, vindo para Fortaleza (“a cidade”, como chamam) aos 16 anos de idade, assim casando-se e construindo família, porém deixando uma parte sua lá, de onde nunca conseguiu se desvincular. Construiu família, trabalhou, sentiu nas mãos o tão sonhado futuro, mas uma esperança maior a movia a cada momento de sua caminhada: voltar para Conceição.

Quando a vó voltou lá, eu nem menino era ainda. Portanto não notei o brilho nos olhos da mulher que lá deixou raiz, mas não as cortou. Minha mãe, que também me conta histórias, foi lá, conheceu, visitou, trouxe-me um bocado de caju, um abraço, um pedaço de bolo de macaxeira, passou três dias e no quarto voltou de lá sabendo que eu iria ter que ir. E fui.

A primeira vez que fui à Conceição dos Caetanos foi à passeio com tios e primos. Um passeio de férias, onde pude conhecer o que muitos falavam, onde pude ouvir todas as histórias que me contavam aqueles que de lá voltavam. Mas nessa ocasião apenas visitei a cidade, conheci as ruas, a casa de minha avó, alguns familiares.

Consegui vivenciar o máximo que este momento pôde propiciar a mim e desde então tive a sensação de não querer mais voltar para casa. No meu primeiro contato com a comunidade tive um grande impacto: a vida lá era outra. Todos os costumes, a maneira de lidar com as pessoas, com a simplicidade e as adversidades do cotidiano eram estranhos a minha realidade.

Olhando para Conceição dos Caetanos, com suas casas com portas de madeiras fechadas e abertas, voltadas para a igreja de Nossa Senhora das Graças, e suas outras casas localizadas na estrada de terra batida que atravessa a pequena cidade, percebia que ali era mais que um lugar cheio de histórias a serem contadas. Era também um lugar que pertencia a uma resistência de moradores que, como em outras comunidades, o orgulho de ser e representar uma nação quilombola era presente, não somente num contexto social, mas afetivo, o que os tornava acima de tudo, uma família.

No senso comum, o conceito de quilombo é entendido como um “reduto de negros e escravos fugitivos”. Esta ideia deu-se desde o período escravista, quando muitos quilombos se constituíram. No Brasil, tomamos Quilombo dos

Palmares como maior referência na criação de comunidades negras que são remanescentes de povos africanos, onde grupos de negros se formavam e criavam comunidades para se opor às reações dos escravocratas.

Nesse sentido percebemos que “o quilombo, enquanto espaço livre, inventado pelos seus fundadores, representou a recusa da escravidão e constituiu, por isso, uma subversão, ainda que limitada, da ordem colonial” (Freudenthal, 1997, p. 129). Essa liberdade até hoje é algo que em Conceição dos Caetanos é muito valorizada, quando percebemos nos discursos dos Caetanos a importância do negro ser lembrado pelas suas alegrias e conquistas e não pela sua dor.

Os quilombos eram aldeias de escravos fugitivos, que se refugiavam em certos locais. Esse termo quilombo é de origem africana, que vem de *kilombo*, da língua *umbundo*, falada pelo povo *ovimbundo* (Ratts, 2001. p. 310). Fugindo de maus tratos, esses escravos iam para essas localidades a procura de refúgio e na esperança de construir um lugar de morada, longe da dor e do desespero.

Esses quilombos, também chamados de mocambos<sup>2</sup>, ficavam em lugares estritamente isolados, onde os escravos, com graça e luta conseguiam viver uma vida livre. Apesar de serem perseguidos em todos os lugares onde se refugiavam, essas aldeias resistiam à repressão e lutavam para terem seu lugar, onde buscavam na existência deles, uma morada.

Um dos quilombos mais conhecidos aqui no Brasil foi o Quilombo dos Palmares, que ficava na capitania de Pernambuco, lugar atualmente pertencente ao estado de Alagoas. Recebeu esse nome por um escravo conhecido como Zumbi<sup>3</sup>, este sendo o grande líder da aldeia. Essas aldeias, apesar de pouco aparecerem nos livros que contam a nossa história, deixaram de ser apenas uma lembrança, entendida como fenômeno do passado. Eles estão em toda parte, espalhados pelo Brasil afora, garantindo assim seus direitos a um futuro melhor.

No Ceará, temos, até o momento, 42 comunidades reconhecidas como remanescentes de quilombos ou simplesmente comunidades quilombolas. Desde o ano de 2003 que o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, o INCRA, é

---

<sup>2</sup> Refúgio de escravos fugitivos; quilombo.

<sup>3</sup> Nascido na Serra da Barriga, Capitania de Pernambuco em 1655. Símbolo de força, é tido com o um herói nas lutas dos movimentos afro-brasileiros.

o responsável pela titulação dos territórios quilombolas no Brasil. Para que a comunidade receba o certificado de autorreconhecimento, ela deve estar cadastrada na Fundação Cultural Palmares<sup>4</sup>, que solicita a abertura do processo administrativo para tal reconhecimento.

A partir do Decreto 4883/03 o Incra ficou responsável pela identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos, como regulamenta o Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003. (Diário do Nordeste, Fortaleza. 25 abr. 2012)

Dentre essas comunidades, destacam-se as que se localizam nos municípios de Salitre, Horizonte, Pacajus, Tamboril e Araripe, que foram as primeiras a serem reconhecidas e delimitadas como territórios quilombolas, originárias de negros fugidos da escravidão.

Lembro ainda que o Ceará foi pioneiro na Abolição dos escravos e que o município de Redenção, no Maciço de Baturité, recebe este nome por ter sido a primeira cidade brasileira a libertar todos os seus escravos, em 1884, quatro anos antes da assinatura da Lei Áurea, pela Princesa Isabel.

O pioneirismo na libertação dos escravos no Ceará foi o pontapé inicial para fortalecer o movimento abolicionista, incentivando assim, outros Estados a abolirem a escravidão e darem liberdade a todos que, por séculos, ansiavam por serem livres.

Mesmo assim, não podemos esquecer que as consequências da escravidão ainda são fortes até hoje, quando percebemos os altos casos de discriminação racial no país, a dificuldade de acesso às necessidades básicas, como saúde e educação, além dos fortes índices de violência física e verbal. As amarguras que passamos na época da escravidão, traduzem um forte capítulo de dor e mágoa na nossa história enquanto negros, mas faz-se necessário lembrar que foi a partir daí que construímos uma história de liberdade de homens e mulheres que são exemplo desse tempo que nos dão inspiração até hoje. Precisamos seguir!

---

<sup>4</sup> A Fundação Cultural Palmares – FCP – Tem por finalidade promover e preservar a cultura afro-brasileira. Preocupada com a igualdade racial e com a valorização das manifestações de matriz africana, a Palmares formula e implanta políticas públicas que potencializam a participação da população negra brasileira nos processos de desenvolvimento do País. Foi o primeiro órgão federal criado para promover a preservação, a proteção e a disseminação da cultura negra. Informação disponível em: <http://www.cultura.gov.br/cultura-afro>

Fundada entre 1884 e 1887, a comunidade que nos interessa surgiu a partir da aquisição de terra pelo seu fundador Caetano José da Costa, o lendário “Paizim”. Este trabalhava e morava em uma fazenda, porém desentendeu-se com o proprietário. De acordo com relatos que ouvi no local, o motivo da briga foi o acesso à água: seu “compadre”, que era também seu “patrão”, não lhe permitia o acesso à cacimba da propriedade, o que moveu Caetano a trabalhar mais duro para garantir a aquisição de suas terras e a paz de sua família. Foi assim que Paizim Caetano José da Costa comprou Conceição dos Caetanos, como relata Alex Ratts:

Segundo a tradição oral do grupo, a origem da localidade é narrada, com algumas versões, a partir da trajetória de Caetano José da Costa, que, sendo “morador” de um fazendeiro, se desentendera com este último acerca do acesso à água numa propriedade e prometera para si mesmo adquirir suas próprias terras para viver “em sossego com a família” (RATTS, 1996a; 1996 b).

Para conseguir juntar o capital necessário, Caetano José da Costa saiu do lugar onde trabalhava com sua esposa e filhos para trabalhar em diferentes plantações de algodão, milho, feijão e mamona, conseguindo assim, em 1884, obter a escritura da terra que viria a ser Conceição dos Caetanos.

Conforme relatos dos moradores, “Paizim” comprou as terras de Antônio Gonçalves da Natividade e de sua esposa Margarida Maria de Jesus ao esforço de muito trabalho pelo preço de duzentos mil réis. Hoje a escritura da localidade encontra-se com Tia Bibiu, famosa moradora da comunidade, que recebeu de seu pai Zé do Carmo, que já tinha recebido de Maia, filho de Caetano José.

Vale ainda ressaltar que Caetano José adquiriu suas terras em 1884, mesmo ano em que a província do Ceará se libertara da escravidão. Antes disso, Caetano José, já havia residido em outras regiões, como Varjota, Águas Pretas e logo após chegou a Conceição com sua esposa Maria Madalena da Paz, alguns filhos e primos.



Fonte: <https://patrimonioparatodos.wordpress.com/tag/tururu/>

É necessário perceber ainda o contexto de como tudo se procedeu. De acordo com as histórias que escutei, Caetano José, casou-se com Madalena aos 19 anos para escapar do recrutamento mandatório para a Guerra do Paraguai: “O recrutamento forçado de jovens – notoriamente negros e solteiros – foi comum em todo o Ceará e parece ter marcado a região onde está situada Conceição, uma localidade limítrofe de Conceição é denominada de Paraguá, sendo numa versão dessa narrativa um reduto de fugitivos do recrutamento (Ratts, 1999, p. 05). De acordo com dados históricos referentes à Comunidade, podemos perceber, assim, que Caetano não era mais escravizado na época em que adquirira o terreno.

Atualmente a comunidade encontra-se com aproximadamente 249 famílias, dentre estes quilombolas e “pessoas de fora”. Quase todos os moradores pertencem à mesma família, a de Caetano José da Costa, os conhecidos Caetanos. É costume na comunidade a venda de terrenos para “pessoas de fora”. Observei isso nas visitas à comunidade e pelas pessoas de minha família que residem lá após comprar terrenos Caetanos.

A parte principal da cidade é conhecida por “rua”, que é a área central, onde se concentram os comércios, a igreja, casas de *caetanos* e também de *brancos*, além de uma televisão comunitária e o chafariz, área toda servida com

energia elétrica. Foi interessante observar o espírito de coletividade dentro da comunidade, que mesmo tendo a maior parte de suas atividades lideradas por caetanos, permitiu que o *branco* também conquistasse um espaço dentro da comunidade.

Assim, dentre as atividades em que todos estão inseridos, podemos observar: celebrações de novenas da igreja com programações semanais, times de futebol, grupos de oração, organização de festas, com atividades detalhadamente bem distribuídas com todos os que estão envolvidos nesses processos, cada um com uma funcionalidade dentro da comunidade. Envolver-se nas atividades é algo indispensável para que a vida social esteja em perfeita harmonia.

Ao longo da pesquisa, ouvi muitas histórias dos moradores da cidade, concentrando-se no que os mais velhos, como minha avó, com sua sabedoria, tinham para me contar sobre a construção do lugar onde vivem. Assim, é importante observar como os costumes na comunidade são passados de geração em geração e como o valor que é dado aos mesmos tem uma importância significativa na vida de cada morador. Rubens Alves da Silva afirma que:

Deve ser levado a sério, na experiência antropológica do trabalho de campo, recorrer aos mais velhos para ouvir deles o que sabem, lembram e se animam a contar sobre a história de vida deles, o passado do lugar onde nasceram e foram criados. (Silva, Rubem Alves 2010, p. 102)

Dentre as histórias que minha avó conta, também ouvia aquelas de minha tia-avó Ana da Conceição, a Tiana, nascida e criada em Conceição dos Caetanos. Tiana veio a Fortaleza já idosa para cuidar de sua saúde, repetindo-se assim várias vezes, como se seguia o tratamento, até não poder mais voltar a sua cidade, sendo levada pela vida. Tiana, dentro do que tenho de lembrança dela, era a própria representação da comunidade: ela tinha o cheiro que sinto quando ponho os pés em terras Caetanas.

Sem casar e sem ter filhos, Tiana viveu durante seus 82 anos na comunidade, observando e fazendo parte da história do local, este que tem como base econômica a agricultura, principalmente o cultivo de caju e mandioca, além de milho e feijão que são comercializados no distrito e em cidades vizinhas. Além disso

o cultivo de mandioca passa por um processo até ser transformado em farinha, vendido principalmente na cidade de Uruburetama.

Um fator importante dentro da comunidade são os benefícios do governo que são disponibilizados aos moradores, como o Programa Brasil Quilombola<sup>5</sup>, que concede cestas de alimentos que são entregues à Associação de Moradores, instância encarregada de fazer a distribuição às famílias, além do Programa Bolsa Família e da aposentadoria dos idosos, da qual Tiana era beneficiária.

O abastecimento de água da comunidade fica por responsabilidade de um sistema bombeador de água para as famílias que possuem sistema de encanamento em suas casas. Cada família paga um valor fixo por mês. A quantidade de água a ser usada também é fixa e caso alguém ultrapasse essa quantidade, então paga-se uma quantia a mais pelo que foi usado. Quanto à energia elétrica, foi disponibilizada à comunidade desde 1970.

A comunidade ainda conta com atividades extratrabalho, que se dão para completar a renda das famílias que ali vivem, como o trabalho artesanal com cabelos afros: construção de trança raiz, rastafári, apliques de tranças para o alongamento do cabelo, além do tratamento de manutenção em tudo o que é feito. Cada uma das meninas cobra um preço diferente, que varia dependendo do que se quer no cabelo, ou não se cobra nada, o que torna ainda mais bonito o trabalho feito pelas mãos delas, que se sentam nas calçadas, jogando “papo” fora e mexendo uma no cabelo da outra. Os homens, pelo que percebi, dificilmente participam dessas atividades, poucos deles disponibilizam seus cabelos para o tratamento que as meninas oferecem.

Essas atividades são ainda resquícios de manifestações africanas que compõem o cotidiano de Conceição dos Caetanos. Junto a outras atividades costumeiras, estas são verdadeiras performances cotidianas, isto é, atividades desempenhadas coletiva e corporalmente, e que também compõem e dão sentido

---

<sup>5</sup> O Programa Brasil Quilombola foi lançado em 12 de março de 2004, com o objetivo de consolidar os marcos da política de Estado para as áreas quilombolas. Agrupando ações voltadas para as comunidades nas seguintes áreas: Eixo 1 – Acesso à Terra, Eixo 2 – Infraestrutura e qualidade de vida, Eixo 3 – Inclusão produtiva e desenvolvimento local, Eixo 4 – Direitos e Cidadanias. Disponível em: <http://www.seppir.gov.br/comunidades-tradicionais/programa-brasil-quilombola>

exatamente ao que chamamos de comunidade, onde todos estão ali juntos, partilhando, caminhando e construindo a vida da cidade.

Passei a realizar e prestar atenção nestes detalhes do cotidiano conversando com Maria Caetano, a Tia Bibiu, como passei a tratá-la em poucos minutos durante a visita que lhe fiz e como todos na comunidade a conhecem. Bibiu foi líder comunitária da região durante 41 anos, pioneira nas mobilizações comunitárias de Conceição dos Caetanos. Em sua narrativa ela contou-me da relação da comunidade com o catolicismo, visto que ser católico lá é algo muito forte e presente em todas as narrativas orais que pude ter a oportunidade de ouvir. Tia Bibiu ainda me contou sobre o contato da comunidade com os primeiros movimentos negros e da relação com o sincretismo africano. Atualmente Bibiu abriu mão da coordenação e passou a responsabilidade para sua neta, que desde um certo tempo já estava certa para assumir. Bibiu, em sua fala, conta-me que relutou muito consigo mesma para abrir mão, mas que sentia-se atualmente cansada e que o que queria realmente agora era poder olhar de fora as suas conquistas sendo passadas para sua neta, mantendo assim a tradição.

Ainda sobre as narrativas orais de Conceição dos Caetanos, conheci Valdeane Caetano da Costa, 31 anos, o conhecido e popular Dean, uma enciclopédia ambulante, que até hoje resgata em seus estudos a história e a cultura da cidade. Conhecido e valorizado por persistir, pesquisar e não deixar morrer a cultura de Conceição dos Caetanos, Dean além de investigar, guarda, arquiva em sua casa os materiais que vai achando e, assim, resguarda o patrimônio local da comunidade.

Lá, ele levou-me à lugares que ainda não conhecia, falou-me da história da cidade pelo seu olhar e comentou também pela visão de outros moradores. O que Dean conta não difere do que escutamos de Dona Bibiu, Dona Antônia, Dona Maidé Caetano, ou tantas outras com quem conversei durante a visita à cidade. Caminhando com Dean à casa de tia Bibiu, escuto sua narrativa e seu convite a conhecer melhor a história dos Caetanos:

A minha família toda tem um laço Caetano. E isso foi desde muito tempo. Eu não sei te dizer não. Quem sabe é a tia Bibiu, que a tia Bibiu é que vai te explicar. É, macho, eu pesquiso tudo da comunidade, eu tenho umas coisa da primeira casa, sabe, da primeira casa, do primeiro Caetano que veio. Eu tenho os tijolos

dessa casa, que é um tijoloção bem grandão. Eu tenho tudo, aí quando for depois tu vai conhecer, viu? (Informação verbal<sup>6</sup>)

Dean apropria-se da história da comunidade e tem gosto por contá-la. O corpo dele, em gestos, fala mais que ele próprio, ou se confunde com sua própria narrativa. É uma figura ímpar dentro da comunidade, com seu gosto pelo resgate da cultura, pelo valor que ele dá aos ensinamentos que são passados dos mais velhos aos mais novos, não deixando morrer ou quebrar o que em sua fala merece tanto respeito: a tradição.

Assim, Valdeane Caetano da Costa, ou Dean, ainda me contou sobre os detalhes de Conceição dos Caetanos, desde a chegada do seu “Paizin” Caetano José da Costa, até os causos atuais dali da comunidade. Dean, apesar de sua limitação na fala -- a fala de Dean é arrastada, pois ele é um pouco gago, limitação essa que não o impede de conhecer os quatro cantos dali -- parece saber tanto quanto os idosos que viveram toda essa história.

Caetano puro, Dean mora sozinho em uma pequena casa na rua central de Conceição dos Caetanos. Segundo ele, sua renda está ligada aos projetos que o governo desenvolve na comunidade, como bolsa família, o recebimento de cestas básicas e recentemente foi beneficiado com o Programa Minha Casa, Minha Vida da Caixa Econômica Federal<sup>7</sup> em parceria com a Prefeitura Municipal de Conceição dos Caetanos, além de alguns bicos que de vez em quando faz para complementar a renda. Sobre a questão da tradição dentro da comunidade, Dean continua:

Um dos filhos do fundador daqui da comunidade, Paizin Caetano, que se chama Joaquim, parece que desobedeceu o pai dele, porque o pai dele não queria que os filhos se casassem com os brancos, aí um dos filhos dele desobedeceu e se apaixonou por uma mulher branquinha, branca do cabelão grande, bem bonitinha. Foi aí que quebrou -- como é que eu quero falar? -- a tradição. Foi, esse que se chama Joaquim Caetano. Mas só que o pai dele, dizem que o paizin Caetano, expulsou ele. Aí ele foi *simbora* pra um lugar que se chama Parnaíba e nunca mais voltou. Aí ninguém mais sabe notícia dele. (Idem)

---

<sup>6</sup> Entrevista realizada em Conceição dos Caetanos em 08/05/2015.

<sup>7</sup> Programa em parceria da Caixa Econômica Federal que viabiliza, através de recursos transferidos do Orçamento Geral da União (OGU), a construção de unidades habitacionais para famílias com a renda mensal de até R\$ 1.600,00. Informação disponível em: <http://www.caixa.gov.br>

Em sua fala, Dean revela a endogamia como uma tradição histórica dentro da comunidade, que parece ter durado por um certo tempo, isto é, a prática do casamento entre membros da mesma etnia, o que, a partir deste caso específico relatado por ele, ao mesmo tempo revela uma rejeição do homem branco, e uma resistência à miscigenação. O valor da endogamia expresso nessa narrativa parece estar inseparável da história de dominação branca sobre os corpos dos negros, uma história que a disposição em se miscigenar com o branco parecia ignorar. Casar-se com uma branca constituiu-se assim como uma traição à memória negra.

Figura 2 - Álvaro Renê e Valdeane Caetano (Dean) – Conceição dos Caetanos Tururu/CE 2015



Fonte: Acervo do autor

Passei a entender que nesse processo de construção de Conceição dos Caetanos, foi somente a partir da década de 1950 que “pessoas de fora” passaram a habitar a comunidade sem grandes problemas, especificamente em 1958. Por causa da seca, muitos moradores migraram para outros lugares, como o norte do Brasil e até mesmo Fortaleza, buscando assim fugir da dor e da fome que todos passavam (Martins, Priscila Rodrigues. 2012). A partir da migração forçada e do resultante contato com outras pessoas, os casamentos deixaram de ser unicamente endogâmicos, abrindo espaço para miscigenar o negro com o branco, e vice-versa.

Vale ainda esclarecer que só recentemente esses casamentos deixaram de ser um escândalo para a comunidade, como a fala de Dean parece indicar.

Com Dean conheci as histórias dos pioneiros que parecem estar na origem da história da comunidade, mas percebi que ele, como jovem participante do contexto atual, vive e costura essa própria história a partir de seu próprio ponto de vista. E ainda mais, é reconhecido e respeitado por todos como um sabedor de tudo o que acontece ali. Apesar disso, Dean carece de oportunidades que valorizem o seu trabalho de pesquisa e resgate da memória social e coletiva da comunidade, pois tudo o que desenvolve enquanto pesquisa e conhecimento é feito por conta própria e por livre e espontânea vontade, sem qualquer apoio institucional.

Dean é, acima de tudo, um grande pesquisador e resgata o que segundo ele, está se acabando: a cultura local. Mesmo com pouco e difícil acesso a fontes oficiais, ele sempre está de olhos abertos, acessando a internet à procura de informações sobre a comunidade e tudo o que envolve os povos quilombolas. Ao pesquisar e manter presente essas histórias em sua vida e na vida daqueles que o rodeiam, Dean também reafirma a sua identidade enquanto quilombola.

O mesmo não se contenta com tudo o que já foi contado ali e nem com os segredos que estão escondidos dentro da cidade. Segredos esses que ele mesmo procura, como o “tijolo da primeira casa”, a de seu Caetano José, fundador da comunidade. Além disso ele guarda objetos que considera importantes artefatos históricos da cidade, como jarros e outras peças, e também uma mala, que, segundo ele, também foi do Paizim.

A vida em Conceição dos Caetanos se estabelece diferente de tudo o que já vi, por ser uma comunidade quilombola distanciada da vida urbana, os costumes são outros, a rotina das pessoas que ali vivem também. Mas nesse primeiro momento o que mais me chama atenção é justamente o fato de “pessoas de fora” serem recepcionadas da maneira mais carinhosa possível, atitude esta que é bem comum em comunidades que organizam suas atividades de maneira coletiva.

Conceição dos Caetanos é hoje, sem dúvida, o lugar de morada de cada um que ali está e respeita sua história, que conta seu passado com amor e vive o presente com afeto e alegria, que ama o pedaço de chão em que vive e constrói sua

história respeitando e se espelhando em seu precursor, o negro pai e primeiro dono das terras, o tão falado Paizim Caetano.

### 3 TEMPO, MEMÓRIA E NARRATIVA: ZUMBI CAETANO

De repente, passeando por uma rua qualquer de Conceição dos Caetanos, ouço o barulho silencioso do domingo – crianças correndo, o bar do Beto que se mantém fielmente aberto, as árvores balançando suas folhas, o olhar das senhoras às suas portas ou escoradas em suas janelas, admirando o tempo a passar.

À frente um senhor passa rapidamente com sua bicicleta, todos ali parecem carregar em seus olhares a esperança de dias melhores, e guardam em suas memórias a lembrança de um tempo que já foi de muita dor e sofrimento, tempo esse que hoje é materializado através de suas memórias e narrativas. É esse tempo que transforma a história dos que ali vivem, o tempo de lembrar (Bosi, 1994).

Ecléa Bosi refere-se ao “tempo de lembrar” como o tempo dos velhos. Após uma longa vida produtiva, na velhice a função principal dos velhos seria “lembrar”, oferecer suas memórias que então possam gerar referências no presente. O tempo de lembrar então é o tempo de como a memória é passada do velho para a criança e os adultos em um processo em que podemos entender como o que é “de geração em geração”. O tempo de lembrar é o tempo de como a lembrança se materializa. Nesse tempo, o qual remeto às minhas interações com as narrativas da minha avó, na infância, segundo Bosi, “é a essência da cultura que atinge a criança através da fidelidade da memória.” (Bosi, 1994 p. 75)

Assim entendo o meu sentimento de pertença à Conceição dos Caetanos e o que me moveu a investigar a comunidade. Por principalmente ter crescido ouvindo histórias daquele lugar, histórias essas que vieram de minha avó e que possivelmente ela já tivesse escutado de seus avós. Nesse sentido, no meu presente, desde menino, eu sempre tive essa relação com o passado, de passear, através da memória e da narrativa dos outros, experiências que foram vivenciadas pela minha avó e outros Caetanos. Como Bosi esclarece “tudo se volta para o passado ou para um futuro ou para um futuro que remonta o passado.” (Bosi, 1994. P. 74)

Reconhecemos ainda nesse tempo de lembrar, o sentido dos mais velhos, de entenderem e encontrarem uma delicadeza maior de passar para a

criança o que foi vivido e de reconhecer, ainda na criança, elementos do passado. O ancião tem o poder de enxergar na criança, coisas que o adulto não tem, como cheiros, manias, sorrisos, elementos que os remetem a pessoas que já se foram. O ancião não se esquece do que passou e ainda devolve essas experiências ao presente de modo construtivo e positivo.

Não foi difícil entender como o “tempo de lembrar” era importante para esta pesquisa, pois no meu primeiro contato com os mais velhos dentro da comunidade, percebi que esse pensamento de reviver as experiências a partir das histórias que os mais velhos contam, é o que mantém viva a memória da comunidade.

Portanto, de certa forma eu privilegio sujeitos velhos da comunidade para me dar a base histórica da minha pesquisa, mas sobretudo, o valor afetivo dessa história e dessas narrativas que aqui se encontram.

Figura 3 – Dona Antônia Caetano – Conceição dos Caetanos – Tururu/CE



Fonte: <https://patrimonioparatodos.wordpress.com/tag/tururu/>

Quando pensamos em tempo, estamos falando de experiência humana, do que foi vivido e do que ainda há de se viver. Tempo este que é medido pela

qualidade do que se vive. De acordo com Fernando Pessoa, “podemos vender nosso tempo, mas não podemos comprá-lo de volta”, tempo este que é precioso enquanto é presente, mas que o passado é de uma preciosidade maior, pois ele guarda e carrega, ainda, toda uma construção histórica.

Falar em construção histórica é falar do lugar, das pessoas, das experiências, dos cheiros que sentimos ao longo da vida, do sabor que nossos lábios provaram. E tudo isso fica depois traduzido na lembrança e nas palavras narradas. Quando falamos sobre tudo o que a vida nos proporcionou, mesmo que a dor também esteja implícita nisso, reconstruímos a história. O tempo carrega em si o que fomos, o que somos, e não podemos esquecer que dependemos do tempo para ainda sermos. Falamos aqui também de futuro.

O tempo devora gerações. Garante o fim das coisas e o recomeço delas, aniquila, dá a vida e a morte. Assim entendemos este em uma definição física, o tempo natural, de duração dos fatos. Também temos o tempo da experiência humana, este não sendo medido ou calculado, mas vivido, aquele que coloca em ordem a vida social.

Esse tempo complexo do qual aqui falo, um tempo de enlace entre passado, presente e futuro, parece também o tempo em que a maioria dessas senhoras e senhores busca quando querem ser ouvidos, em que a vida só ganha sentido quando suas histórias são escutadas e refletidas, quando o velho passa para o novo, que o escuta e compreende. Este, um dia, então, passará para outro e para outro, assim sucessivamente, criando-se um sentido para a história, uma tradição. Parece ser isso que afirma Ecléa Bosi, quando escreve que:

A vida atual só parece significar se ela recolher de outra época o alento. O vínculo com outra época, a consciência de ter suportado, compreendido muita coisa, traz para o ancião alegria e uma ocasião de mostrar sua competência. Sua vida ganha finalidade de encontrar ouvidos atentos, ressonância. (Bosi, 1994, p. 82).

Em Conceição dos Caetanos, percebemos nas pessoas o quanto o ato de contar histórias e narrar a sua vida tem uma importância muito significativa. Eles, por terem vivido e carregado em si toda a construção do lugar onde pertencem, são pessoas que encontram sentido no que falam, pois esse mesmo sentido se dá pelo

ato de viverem em coletividade, construindo uma história que vai além do que podemos compreender.

Quando pensamos que Conceição dos Caetanos é uma comunidade quilombola, entendemos que a realidade dos conflitos de classe, do racismo e da exclusão social e racial ali foi bem presente, e que esse tempo até hoje ainda deixa marcas nos que ali vivem, não sendo um tempo de boas lembranças, mas que guarda ainda uma certa sensação de mudança para o melhor quando percebemos que o tempo cura essas cicatrizes, feitas por ele mesmo.

Queremos crer aqui no tempo da experiência humana, no tempo vivido por esse povo que lutou para conquistar o seu espaço e ter o reconhecimento perante a sociedade, no tempo da conversa que procura buscar uma ordem para a vida social. Não queremos crer no tempo da dor e da angústia, no tempo do terror, mesmo que esse não possa passar despercebido; queremos crer no tempo da esperança.

Para a comunidade, dias melhores vieram, mas não foi fácil conquistar esses dias, quando pensamos na luta em que Caetano José da Costa teve que passar para conseguir o seu espaço, possuindo como bem maior, a terra, lugar de trabalho, de onde a família retirava o pão para sobreviver, e tendo como seu fundador uma espécie de patriarca, já que era para Paizim Caetano que levavam todos os problemas comunitários, e era ele o encarregado de encontrar as soluções e tomar as devidas decisões.

Nas experiências que tive com a comunidade, o que primeiramente me chamou atenção foi como essas pessoas falam sobre tudo o que ali viveram, como construíram sua morada e principalmente como Caetano José é para eles um grande exemplo de superação e luta. Em suas narrativas, percebi o quanto cada um que está ali se preocupa com a felicidade e com a qualidade de vida de sua comunidade.

### **3.1 Narrativa e Memória Coletiva**

Elejo aqui, uma das mais antigas formas de expressão, o ato de narrar, como um ato performático, este que nos coloca enquanto conhecedores de uma história contada através da fala, do gesto, da expressão. Ato que nos remonta ao

passado e às experiências mais distantes que fazem parte na nossa história. Narrar fatos acontecidos é um ato da condição humana, que fez e faz parte da história, como ato intrínseco ao homem.

Nesse sentido, volto-me às *Performances Narrativas do Quilombo Alto Vale do Ribeira*. (2010) Nesse artigo, Rubens Alves da Silva desenvolve uma reflexão “em comunidades tradicionais reconhecidas como remanescentes de quilombos, sob o prisma da *performance* com ênfase especialmente nos conteúdos discursivos”. Assim, pensando o contexto que encontrei em Conceição dos Caetanos a partir desta perspectiva da “*performance* narrativa”, percebo que o ato de contar histórias está no cotidiano da comunidade, é o que dá sentido e o que faz a história desse lugar manter-se viva.

A narrativa, articulada entre a memória, o corpo e a voz, vence as distâncias do tempo e do espaço, trazendo consigo um conhecimento vasto diante das experiências vividas. O meio que utilizamos para a narração é a oralidade, quando pensamos que o narrador se utiliza de suas experiências vividas para proporcionar outra experiência aos que o escutam, através da fala.

Falar sobre fatos acontecidos ganha uma importância significativa nesses processos de elaboração da memória, pois diferentemente de dissertarmos um texto, quando narramos, ele ganha uma preciosidade maior, pois as palavras viram corpo, ganham uma fluidez, uma dinâmica de movimentos. Como numa dança das palavras em direção aos ouvidos, no ato de narrar, sem dúvida, o que predomina são os acontecimentos, as ações.

Ao empregarmos aqui a noção de narrativa como uma das performances culturais da Comunidade Quilombola de Conceição dos Caetanos, vemos as duas instâncias de narrador que Ecléa Bosi oferece a partir de Walter Benjamin: “sempre houve dois tipos de narrador: o que vem de fora e narra suas viagens; e o que ficou e conhece sua terra, seus conterrâneos, cujo passado o habita” (Bosi, 1994, p. 84).

Em um sentido maior me coloco como o narrador que viaja, e que traz consigo a experiência de narrar nesta monografia o que viu fora. A Tia Bibiu e os outros informantes que tive o prazer de entrevistar são os narradores que ficam e conhecem sua terra. O ato de narrar está diretamente ligado às nossas memórias. As memórias que guardamos são traços do passado, do que ficou e que ainda faz

parte do que somos, estando num momento presente. Mas a memória está também inserida em grupos ou coletivos.

Segundo o sociólogo francês Maurice Halbwachs (2004), apesar de ser uma característica individual, a memória é sempre construída em grupo. Halbwachs (1877-1945) em seus estudos nos traz a memória em uma perspectiva coletiva, em que as lembranças são constituídas individualmente, mas que dependem estritamente do grupo onde ele está inserido, carregando assim uma constituição social muito maior e fundamental para que sua memória seja construída.

O outro sempre tem um papel indispensável e fundamental nesse processo de construção das memórias. Nossas lembranças sempre estão ligadas às experiências que partilhamos em conjunto. Estar com o *outro* é sempre uma experiência que posteriormente se tornará lembrança, assim como nossas experiências vividas, partilhadas, experienciadas com outra pessoa. Halbwachs (1990) chama de “comunidade afetiva” um grupo que se mantém unido pelas lembranças diversas que alimentam esta comunidade.

Nesse sentido, penso Conceição dos Caetanos como uma comunidade afetiva, por dividirem suas memórias uns com os outros e pela forma como essa comunidade estabelece um papel fundamental para a construção/transmissão dessa memória. Tudo o que temos de memória em Caetanos, dependeu do que nos foi passado oralmente e essa construção precisou ser coletiva, como se mantém atualmente.

Todas as nossas experiências coletivas que são compartilhadas com outra pessoa tornam-se, posteriormente lembranças, que são lembradas e reveladas pelo olhar de cada pessoa que viveu aquilo, mas o papel do outro nas trocas e narrativas orais é fundamental para que essa lembrança seja concretizada. Assim, essas memórias passam a ser não somente individuais, mas a dividir um caráter coletivo para que sua continuidade assuma uma característica bastante forte no ambiente em que ela se estabelece.

Pelas experiências coletivas que vivi na comunidade para a pesquisa deste trabalho, pude perceber que a “comunidade afetiva” de Conceição dos Caetanos se mantém viva pelas lembranças da comunidade, que alimentam a identidade e constroem sua própria memória coletiva. Portanto, nessa comunidade,

a interação e a narrativa oral performa ou materializa essa comunidade afetiva, criando as condições para a transmissão e a partilha das memórias. Daí entendermos que as narrativas e as memórias funcionam como performances culturais, dando forma à cultura viva dos quilombolas e dando sentido coletivo e partilhado à situação histórica que eles vivem.

Nas minhas experiências com pessoas da comunidade sinto que esses sentimentos são bem presentes. Assim podemos observar no relato de dona Antônia, uma das moradoras mais velhas de Conceição:

História que eu posso contar de que? De trabalho que ficou pra gente fazer, nosso trabalho que cada qual trabalhava mais seus pai. Aquele trabalhava mais o pai dele, eu trabalhava mais o meu pai e os outros trabalhava mais seus pais, e tudo os pais foram morrendo e nós “fumo” ficando só. Pais nós não tem mais. Nosso senhor já levou, só tem nós. (Informação verbal<sup>8</sup>)

No relato de dona Antônia, quando diz que o trabalho era uma questão da família, percebo o quanto o sentimento, o afeto, o carinho, a saudade, são fundamentais na questão da memória, para que a lembrança faça-se presente. A história social desta comunidade se estabelece a partir do sentido de que a memória da comunidade também funciona como uma espécie de formadora de cidadãos, que crescem escutando as histórias do seu lugar e descobrem, na própria história, uma necessidade de mantê-la viva, presente, para que a mesma faça sentido e não se perca com o tempo.

Percebi isso ao entrevistar Sandra Caetano, que me contou que existe um forte movimento de resgate dentro da comunidade para que essa memória que se constrói de forma coletiva seja valorizada. Segundo Sandra, várias vezes ao ano, os mais velhos e os jovens se reúnem na creche comunitária para contarem histórias, e partilharem memórias, uma espécie de institucionalização local do que Bosi chamou “tempo de lembrar”. Entendo que esse resgate se estabelece enquanto formação do cidadão Caetano, por funcionar como um programa de valorização da memória, organizado coletivamente dentro da comunidade. Como explica Sandra:

---

<sup>8</sup> Entrevista realizada com Dona Antônia Caetano em Conceição dos Caetanos no dia 08/05/2015.

Olha, uma das grandes preocupações que é deixada pelos mais velhos e por nós mais novos é que a comunidade ela esteja sempre no comando com pessoas negras, não é que a gente queira excluir as pessoas brancas que moram aqui. A gente tem uma relação boa. Mas a gente acha importante estar à frente da comunidade as pessoas Caetanos. E aí assim, agora que a minha mãe já está com a idade avançada, já está cansada ela passou a responsabilidade da comunidade pra uma neta dela que é a Lucinete. Mas mesmo assim ela participa das coisas, só que ela não está mais à frente quanto antes, tão ativa quanto a iniciativa dela. Aí tem o conselho da igreja que desenvolve um trabalho na parte de religião, tem as pessoas que fazem parte da associação, tem as pessoas mais de idade e tem a parte também da participação dos jovens que até o meu irmão Adailton faz parte da diretoria. E aí nesse processo de desenvolvimento de atividades na comunidade tem todo uma participação das pessoas. (Informação verbal)<sup>9</sup>

Percebemos, na narrativa de Sandra, como esse processo de conscientização para o resgate da memória coletiva se articula dentro da comunidade, como os “mais velhos” se colocam nesse processo, para que os “mais novos” não deixem que se percam as memórias que construíram aquele lugar. É importante ainda percebermos que foram criadas atividades para manter essa memória e como elas se realizam dentro da comunidade.

A memória coletiva vive na tradição, pois esta articula e mantém vivo o que já foi vivido. Como performance cultural, a tradição narrada articula o passado, tornando-o ainda presente através da linguagem, estabelecendo, assim, uma ligação passado-presente que mantém a história viva e em evidência. Percebemos isso quando vemos que é uma memória partilhada sobre a história da comunidade que garante uma unidade nas manifestações culturais e religiosas em Conceição dos Caetanos, como no caso da Festa de Zumbi, a qual apresentarei no próximo capítulo.

Assim, identificamos a performance da memória coletiva a partir de uma construção de narrativas que essa comunidade partilha. Todos foram criados escutando e repassando a memória do lugar onde vivem. Todos partilham de experiências comuns e têm como referência o grupo onde estão inseridos, que partilham das mesmas vivências e carregam em si as lembranças dessas relações sociais que ali são estabelecidas.

---

<sup>9</sup> Entrevista realizada com Sandra Caetano, 33 anos, em Conceição dos Caetanos no dia 01/11/2015.

Todos nós somos seres que necessitam de que sua história seja contada, significada, refletida. É o que nos dá garantia de que nossa vida teve um sentido, que nossos caminhos foram percorridos por alguma razão e que essa razão nos move até hoje para que possamos dar continuidade ao que construímos.

As lembranças necessitam de uma atividade afetiva para fazerem sentido. Essas atividades afetivas precisam ser constituídas em grupo, em ações que estabeleçam um contato social. Em Caetanos, as atividades comunitárias são constituídas coletivamente e são claramente reforçadas a partir das memórias e das narrativas que dão sentido à própria comunidade. Grande exemplo disso é a festa do Zumbi, que envolve vários níveis de organização e trabalho para que possa acontecer, e cujo sentido está na afirmação da identidade negra que, por sua vez, sustenta-se nas narrativas que memorializam as dificuldades vividas pelos antepassados e o esforço do fundador da vila, o Paizim Caetano.

Figura 4 – Álvaro Renê e Sandra Caetano – Conceição dos Caetanos – Tururu/CE  
2015



Fonte: Acervo do autor

A cada narração do passado, o indivíduo narrador entra em comunhão com a memória coletiva e com sua comunidade. Isso mostra como entre memória individual e memória coletiva existe uma relação de interdependência. O indivíduo

só consegue lembrar das experiências de um lugar quando existe um processo de identificação dentro do grupo em que ele está inserido:

A memória individual não deixa de existir, mas está enraizada em diferentes contextos, com a presença de diferentes participantes, e isso permite que haja uma transposição da memória de sua natureza pessoal para se converter num conjunto de acontecimentos partilhados por um grupo, passando de uma memória individual para uma memória coletiva. (LEAL, 2012 p. 03)

A memória coletiva é uma construção cotidiana, que demanda a ativação de performances culturais, como a realização da festa do Zumbi e da padroeira, por exemplo. Neste trabalho, ao me relacionar com indivíduos no trabalho de campo, me interessa explorar como uma memória que se constrói individualmente é também influenciada pelas experiências coletivas que são características da comunidade em estudo.

Por isso o último capítulo volta-se para a minha participação nessa festa do Zumbi, por considerá-la um momento privilegiado onde as experiências individuais dos Caetanos se conectam com a construção de uma tradição ou de uma memória coletiva e partilhada. A memória coletiva necessita que o indivíduo estabeleça relações familiares, de amizade, no trabalho, na escola e em diferentes núcleos sociais. Cada instância dessa precisa ser entendida como instância de performance cultural, onde a filiação aos Caetanos se constrói, onde a cultura dos Caetanos é retrabalhada.

### **3.2 Performance como veículo condutor da narrativa**

Quando empregamos a noção de “performance cultural” para nos aproximar da questão da narrativa, da identidade quilombola-Caetano, da construção da memória social, precisamos entender as questões que norteiam o sentido de performance, seus significados, seus termos e o sentido dela quando se trata de tradição oral.

*Performance, live art, ação.* Esses, dentre outros, são alguns termos utilizados por alguns estudiosos e pesquisadores, para classificar as inúmeras possibilidades de intervenções por parte do corpo ao vivo na arte. A performance

está, portanto, nitidamente ligada a uma abordagem da arte como algo vivo, da arte ao vivo, ou da arte viva.

Para Richard Schechner, a performance engloba várias “práticas e eventos - dança, teatro, ritual, comícios políticos, funerais ” (Schechner apud Taylor, 2013, p. 10), sendo assim parte integral da formação cultural de um povo. Segundo a definição de Patrice Pavis (1999) em seu Dicionário de Teatro, a *performance* é um:

Termo inglês usado às vezes para marcar a diferença entre a palavra ator, considerada muito limitada ao intérprete do teatro falado. O performer, ao contrário, é também cantor, bailarino, mímico, em suma, tudo o que o artista, ocidental ou oriental, é capaz de realizar (*to perform*) num palco de espetáculo. O performer realiza sempre uma façanha (uma performance) vocal, gestual ou instrumental, por oposição à interpretação e à representação mimética do papel pelo ator. (PAVIS, 1999, p. 284-285, grifos do autor).

Já aqui nessa definição vemos que há, no conceito de performance, uma dinâmica de distanciamento da mimese na tradição do teatro, onde aquele que executa algo se coloca por trás de um personagem. Na performance, o ator e aquilo que ele realiza ou narra, está ligado à sua própria vida e realidade. Mas é importante lembrarmos que o Dicionário de Teatro de Patrice Pavis teve sua publicação em 1980, na França, e de lá para cá muitos autores já amadureceram essa abordagem da performance como algo que parece fundir vida e arte.

Um desses autores no Brasil foi Renato Cohen (2011), em seu livro “*Performance Como Linguagem*”. Aqui, o autor vai levantar vários questionamentos acerca da arte e do real, seus limites, seus conceitos, como a vida pode interferir no que entendemos como arte e em como a performance está ligada a uma maneira de encarar a arte e seus limites. Nesse ponto ele cita a Live Art, como arte do vivo, arte da vida, tirando a arte de uma visão meramente estética, mas procurando uma proximidade direta com a vida, o que resgata a característica ritual da arte, intimamente ligada ao contexto social de onde ela surge e acontece.

Ainda no Brasil, a artista de performance e teórica Eleonora Fabião fala, em entrevista publicada no Diário do Nordeste, em setembro de 2009, dos aspectos que permeiam sua pesquisa, como, por exemplo, a relação da performance com a arte e a vida:

A hibridação de gêneros é uma das principais características da performance. Aliás, esta possibilidade de fusão ampla, geral e irrestrita de materiais e procedimentos é uma das principais características não apenas da performance mas da produção artística contemporânea. No estudo da teórica de teatro alemã Erika-Fischer-Lichte, intitulado “O Poder Transformador da Performance” (The Transformative Power of Performance), ela propõe que desde o início dos anos 1960, a arte ocidental experimenta o que chama de “performative turn”. Segundo Fischer-Lichte, esta virada performativa inclui todos os gêneros artísticos - cujas fronteiras tornam-se mais fluidas - além de dar origem a performance art propriamente dita. De modo geral o “performative turn” aponta para a seguinte tendência: o crescente desinteresse pela noção de obra de arte enquanto resultado final do trabalho do artista a ser absorvido e interpretado pelo espectador e, em contrapartida, a crescente valorização do evento que inclui o espectador como elemento constitutivo. (FABIÃO, 2009, p. 3)

Fabião resiste às definições fechadas de performance, percebendo-a como algo livre, cuja noção advém dos anos de 1960, época em que inúmeras expressões artísticas (teatro, dança, música, artes visuais) começaram a acontecer simultaneamente e em colaboração, borrando suas fronteiras fixas. Vendo o contexto desse surgimento, a performance segue resistindo a definições, desnortando classificações, quebrando com o ritmo das coisas, libertando a arte de um eixo fechado e a liberando para misturar-se com outros tipos de linguagens.

Nessa mesma entrevista, Fabião enfatiza que encontramos semelhanças entre trabalhos performativos, principalmente a ênfase no corpo como matéria prima e tema do trabalho. Portanto, falar em performance é falar no corpo como condutor de mensagens e signos que são capazes de traduzir um pensamento. No caso de Conceição dos Caetanos, percebemos que os moradores da comunidade, através de suas experiências, dos códigos que o corpo elabora e transmite, dos costumes intrínsecos à comunidade e de todas as informações que são possíveis de serem narradas, toda uma construção histórica e social da comunidade e da identidade local é efetuada.

Observamos a dimensão ritual dentro desses comportamentos, isto é, como a vida cotidiana se mantém a partir de repetições e as ações básicas do dia-a-dia, que são ritualizadas e repetidas para que possam caber em determinadas circunstâncias. Podemos perceber essas performances cotidianas da narração e da

memória em Conceição dos Caetanos a partir do conceito de comportamentos restaurados, de Schechner (2006):

Performances marcam identidades, dobram o tempo, remodulam e adornam o corpo, e contam estórias. Performances – de arte, rituais, ou da vida cotidiana – são “comportamentos restaurados”, “comportamentos duas vezes experienciados”, ações realizadas para as quais as pessoas treinam e ensaiam. (Schechner, Richard. 2006 p. 29)

Na realidade de Conceição, o comportamento é restaurado a partir da narração, quando os mais velhos contam as histórias que não só sustentam a memória coletiva da comunidade, mas também caracterizam uma identidade de grupo dentro da comunidade. As pessoas podem não estar cientes de que realizam comportamentos que são duas vezes experienciados, mas suas ações físicas e verbais se dão diversas vezes dentro do contexto em que elas se encontram.

Portanto, todos nós fazemos mais performances do que percebemos, no nosso dia a dia, nos nossos hábitos, na nossa rotina.

### **3.3 Oralidade e Performance**

A voz, um dos veículos condutores de cultura, é também uma das mais fortes formas de linguagem. Antes da escrita, já existia a voz. Ela possui qualidades simbólicas fundadoras de cultura, que ultrapassam gerações. Por assim dizer, entendemos que a voz dá cor, dá vida a tudo aquilo que é dito ou cantado, ela dá corpo ao enunciado.

Outro veículo condutor de cultura está relacionado ao gesto, este também comunica e produz informações que são necessárias para entendermos a construção histórica e social da comunidade. Na fala, nos gestos, nos movimentos, percebemos que a história, e o sentido que ela tem para o lugar, está inerente aos que ali vivem: no corpo, na fala, na vida.

Ao longo do meu contato com os moradores de Conceição dos Caetanos, fui percebendo como elemento fundamental de seus discursos as ações corporais que parecem completar o significado do que se quer transmitir, os movimentos das mãos, pernas, cabeça, até o ritmo da respiração, todos carregavam em si um sentido de comunicação que me fez despertar para o quanto a memória é

importante e valorizada na comunidade para manter viva a relação com a história daquele lugar.

Mas percebi em Conceição dos Caetanos uma forma de linguagem em que, sobretudo, a voz se destaca enquanto presença. Linguagem materializada na voz a partir da memória construída coletivamente. As histórias ali contadas permanecem vivas pelo ato de ouvir e também pelo ato de falar.

Temos o que fala e o que escuta, e no meio dessa relação performativa essas histórias não se perdem no meio do caminho, não se dissolvem. Ao contrário, elas ganham uma continuidade, um sentido partilhado. Daí eu passo a compreender a narrativa como ato, como performance, que sustenta uma memória e uma relação com o passado histórico. Aqui, nesse lugar, corpo e fala expressam uma infinidade de informações que são necessárias para o entendimento da construção do lugar que hoje é Conceição dos Caetanos.

Aproximo-me aqui também de Paul Zumthor (2005) para entender a performance como um veículo de materialização, de concretização da cultura. A cultura e seus enunciados tornam-se presentes por meio de mensagens poéticas via voz humana, assim como tudo o mais que carrega através da comunicação: gestos, ou mesmo a tonalidade dos gestos corporais (Zumthor, 2005). Assim as performances narrativas dos Caetanos se concretizam, dentro do que observei, através do ato de contar as experiências vividas e de tudo o que esse ato de narrar carrega consigo. Para Zumthor, a voz então vai além do som e passa a englobar todo o corpo, por isso ele prefere falar em “oralidade”, que passa a ser quase um sinônimo de “performance”.

Zumthor ainda fala sobre performance e presença. “A performance não pode ser outra coisa se não presente” (Zumthor, 2005 p. 83). E que a performance é uma realização poética plena, mantendo a sua função enquanto portadora de força e tatilidade, diferentemente do que acontece com a midiatização, que retira da mensagem o tátil, aquele momento em que a vivência nos coloca em contiguidade com o outro diante da experiência. O ouvinte faz parte da performance da mesma forma em que o autor faz parte das circunstâncias. Estabelece-se assim uma relação de reciprocidade em que o interprete, o texto e o ouvinte despertam uma relação de jogo, de troca, que um depende do outro, transformando-nos puramente enquanto ouvintes participantes.

Essa experiência de imbricamento com o narrador faz muito sentido em relação a quando estive na comunidade, nos processos de entrevista para a pesquisa do presente trabalho. Estabeleci com os entrevistados uma relação de troca, havia uma relação de jogo, na qual me permitia adentrar com uma certa facilidade na memória das pessoas que entrevistei, partilhar da oralidade delas. Foi no ato de falar e contar suas histórias que pude perceber a performance daquelas histórias e daquele lugar.

Para Zumthor, “o corpo, por sua própria materialidade, socializa a performance”. (Zumthor, 2005 p. 84) O corpo todo compõe a cultura de um lugar, juntamente com as palavras e gestos, e isso cria um sentido dentro da oralidade.

### **3.4 Performances Narrativas de Conceição dos Caetanos**

Voltando a Conceição dos Caetanos, ao longo de três visitas, explorei experiências voltadas à memória das pessoas que ali vivem. No primeiro dia de visita, conversei com Maria Sandra Caetano, filha de Dona Bibiu e tataraneta do Caetano José da Costa, o Paizim. Foi uma manhã de conversa e muito agrado. Algo sempre me chama atenção aqui: a receptividade de quem aqui vive e principalmente o gosto em receber pessoas novas.

O que eu me lembro sobre a memória da nossa comunidade, primeiro é sobre a história do fundador da comunidade, Caetano José da Costa que é meu tataravô, e aí ele passou o registro da terra pra minha mãe que é a Dona Bibiu. E desde a idade dos dez anos que eu ouvia ela falar, participar, mais outras comunidades e aí com o passar do tempo ela foi conhecendo a verdadeira cultura que o nosso bisavô tinha deixado pra gente. Porque a gente não sabe de onde foi que ele veio, mas a gente sabe que foi no processo da transportação dos escravos pro Brasil. Que foi na segunda guerra do Paraguai e aí ele veio fugido pra esse lado daqui que era um lugar chamado Trairi na comunidade chamado O Pinto e aí de lá ele veio pra esse lugar aqui. Mas até antes da gente ter essa formação sobre comunidade negra, que na época não era comunidade quilombola que era identificado, que na época era comunidade de povoado negro. (Informação verbal<sup>10</sup>).

---

<sup>10</sup> Entrevista realizada com Sandra Caetano, 33 anos, em Conceição dos Caetanos no dia 01/11/2015.

Percebemos nesse sentido que há uma espécie de transmissão das memórias da escravidão a partir da narrativa oral: quando essa memória, que vem dos mais velhos, é passada para o mais novo, que mantém viva a identidade negra do lugar. É com orgulho que o povo conta a história do Paizim Caetano, essa que se recria e se reinventa com o passar dos tempos. Se a narrativa oral é uma forma de performance da comunidade e da história/memória desse lugar, a performance e o corpo precisam ser entendidas como suporte para esse trabalho da identidade negra em Conceição dos Caetanos.

A vida em comunidade é mantida através de ações coletivas que vão desde o trabalho, a escola, organizações de eventos culturais e artísticos, rituais religiosos e até mesmo em momentos de lazer como, muito comum, andar na praça da Rua Central durante a noite. Assim a vida social se estabelece, principalmente em função dessas atividades coletivas que são organizadas dentro da comunidade e que se concretizam naturalmente.

Em seguida, Sandra contou-me que está se formando no curso de História, conta que seu gosto maior é ter o reconhecimento de sua comunidade e tem orgulho de repassar essa memória aos mais novos, pois a lembrança dos mais velhos é o que mantém a comunidade viva.

E nós temos esse nosso jeito de manter a nossa história viva nesse sentido. Hoje eu estou me formando como historiadora e o meu objetivo maior é não sair daqui e se for pra mim sair é só por um momento, de trazer mais conhecimento pra nossa comunidade e manter nossa identidade, é dessa forma e a gente trabalha, divulgando, se articulando. (Idem)

Referindo-se à atividade mencionada anteriormente dos encontros entre jovens e velhos na creche comunitária, Sandra revela sua opinião sobre a valorização das memórias coletivas, e que cresceu, assim como eu, ouvindo histórias. A valorização da memória é o que dá sentido à maioria das pessoas que eu conheci neste lugar. Primeiramente que, como negros, não nos interessa sermos lembrados apenas como pessoas sofridas, mas sim como pessoas que através de muita luta, conquistamos espaço e respeito. Então, a memória da comunidade é mantida a partir das lembranças narradas (performadas no presente) de como aquele lugar se construiu, e de como cada pessoa, os “mais velhos”, tiveram

significativas participações nesse processo. A performance da narrativa, portanto, reatualiza a história da escravidão como uma história de vitória e superação, não como uma história de vitimização e sofrimento.

Além de tudo isso, Sandra é uma das organizadoras da Festa do Zumbi que acontece no período de novembro, agregando as comemorações do dia da Consciência Negra ao dia da Padroeira da Cidade, Nossa Senhora das Graças. Festa esta que é pensada e esperada durante todo o ano, incluindo vários organizadores que pensam desde a programação que antecede o evento, ao dia da festa, que conta com muitas possibilidades de saudar e comemorar esse dia.

Estabelecemos um contato em uma manhã muito agradável, e confesso que me emociono ao conversar com as pessoas daqui, que também fazem parte diretamente do que eu sou. Sinto-me em casa, com esse laço Caetano que corre nos fundos de minhas veias, também embaladas ao som de muitas histórias. Aqui crio amizades, aqui ganho uma família. Esses laços que são construídos se dão a partir do orgulho que os que ali moram têm em manterem vivas suas histórias e conquistas, é nessas experiências que encontramos o verdadeiro valor que a coletividade conscientemente possui.

Nesse processo de busca pela história e resgate da memória coletiva em Conceição dos Caetanos, entrei em contato também com dona Maria e percebi, em sua narrativa, como se estabelece a questão da conquista das posses que sua família teve e que foram passadas de geração em geração:

Pois esse terreno aqui é do Paizim. A casa aqui amarela, olhe pra ela quando sair pra fora, a casa amarela aqui da Conceição dos Caetanos encostado no grupo, a casa aqui da família Caetano. Aqui ela é pra sair quando ela cair e se acabar, não é pra ser cortada. E pronto! Eu não sei mais de nada, entrei aqui, meu pai ainda era rapazinho novinho. Compraram o terreno e vieram pra cá, Paizim saiu lá do terreno dos outros, comprou aqui pra criar os filho tudo aqui e ele morreu nesse lugar. E a casa grande, só que já faz muito tempo e a casa... acabou. (Informação verbal<sup>11</sup>)

No ato de contar, Dona Maria reafirma como se deu a construção do lugar onde até hoje vivem e (re)criam suas histórias. Nesse sentido, elas não se perdem,

---

<sup>11</sup> Entrevista realizada com Maria Caetano em Conceição dos Caetanos no dia 08/05/2015.

pois serão passadas para a próxima geração e se perpetuarão sendo contadas para a próxima e, assim, a memória mantém-se viva, marcando a sua presença de acordo com sua própria existência.

Quando a lembrança vem, ela se materializa em narrativa. Nos gestos e nas palavras, encontramos o ato de *performar*, ao mesmo tempo representação e materialização da história passada. Não podemos esquecer também que o que ouvimos não é exatamente como aconteceu, pois, existem detalhes que são naturalmente suprimidos pelo ato de contar. A memória do narrador escolhe o que vem a ser falado. As palavras são escolhidas antes de serem proferidas. Assim eles encontram nisso uma oportunidade de tornar a vida, os problemas, os momentos de alegria e os de tristeza em poesia.

Conversando com Adailton Caetano, um dos organizadores da Festa do Zumbi, ele fala que aguarda ansiosamente o dia da festa e que os preparativos estão a todo vapor.<sup>12</sup> É também nessa perspectiva de organização do ato maior que representa a comunidade – a Festa de Zumbi – que encontramos traços de uma memória que mantém a vida social da comunidade em harmonia.

Enquanto conversa comigo, Adailton estava eufórico com a organização da festa, esse período que antecede, conta ele, é o mais tenso, os nervos ficam à flor da pele e tudo precisa sair como foi minuciosamente combinado: as painéis de barro para a ornamentação do evento e também para a mesa de degustações precisam estar com sua pintura em perfeito estado e minuciosamente bem acabada, a decoração da festa precisa estar em dia como foi programada, as danças cuidadosamente ensaiadas e a banda que animará a cidade, com seu som contagiante, que esse ano, será uma novidade.

Em 2015, teremos a 29ª edição do evento, contando com a tradicional programação, durando três dias, sendo que as comemorações da padroeira começam na semana que antecede a festa. Além da missa, das apresentações culturais tradicionais, teremos também comidas típicas da comunidade e todos estarão caracterizados para a ocasião.

Adailton é vice-presidente da Associação dos Quilombolas de Conceição dos Caetanos. Esta foi criada pensando em uma organização mais

---

<sup>12</sup> Estivemos no local antes da festa, em 01/11/2015.

direcionada às pessoas quilombolas e trabalha para que bens e doações sejam adquiridos e destinados exclusivamente para os quilombolas. Ainda é um processo que está sendo estudado, para que possa beneficiar bastante as pessoas que aqui vivem.

Nessa ocasião em conversa com Adailton, estabelecemos um ótimo contato a ponto de receber um convite para atuar como jurado da escolha da Rainha da Beleza Negra de Conceição dos Caetanos, convite o qual aceitei. Nessa ocasião, escolheremos a garota que irá representar o cargo durante o ano de 2016 até que seja reeleita a nova rainha, passando assim o reinado para outra garota, e assim sucessivamente.

Confesso que nessa segunda oportunidade que tive de estabelecer um contato maior com a comunidade, o processo de pesquisa se tornou naturalmente fluido, visto que se estabeleceram laços afetivos de amizade, em mim quanto pesquisador, mas também nos Caetanos que, segundo eles, perceberam na minha presença algo de agradável e de confiante.

#### 4 AXÉ, AXÉ, ALELUIA: A FESTA DO ZUMBI E NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS

As festas tradicionais em comunidades são eventos festivos, de caráter religioso ou profano e que guarda como principal característica a participação do povo. Encontramos também nas festas a presença marcante de certas tradições, como rituais religiosos, comidas típicas, indumentárias que caracterizam a identidade do local, além de diversas manifestações artísticas, dentre elas, a dança, o teatro, o artesanato.

A festa une os laços que a comunidade estabelece, ela mantém a identidade do grupo e reafirma a existência de uma coletividade. Segundo Lourdes Macena (2002) “é na festa que a comunidade estreita seus laços e procura manter sua identidade de grupo, celebrando sua vida cotidiana” (2002, p. 36). Muitas vezes, as festas estão ligadas ao folclore brasileiro e, na maioria das vezes, apresentam características determinadas da comunidade ou localidade em que elas acontecem.

De acordo, ainda, com Macena:

A festa é um complexo onde tem lugar de intensa interação social e um conjunto de atividades, ritos, uma profunda transmissão de mensagens e um desempenho de coisas peculiares que não se encontram em nenhum outro momento da vida comunitária, carregadas de afetividade e emoção, de forma a estabelecer um ambiente de ação social inconfundível. (Macena, 2002, p. 42)

A festa, tomada como *ação social*, assume um caráter também afetivo e necessita de uma constante renovação para que esta possa emprestar um sentido à comunidade. O que entendemos ainda é que é muito comum as novas gerações assumirem a organização e realização das festas comunitárias, como se dá em Conceição dos Caetanos. Assim como a performance da narração abordada no capítulo anterior, a performance da festa da padroeira aqui também parecem dar suporte para um trabalho coletivo de valorização da memória social.

Tia Bibiu, matriarca da comunidade, foi quem por mais de 30 anos foi líder comunitária e organizadora das festas da padroeira/Zumbi, que já eram realizadas no formato proposto pela ativista do GRUCOM, Ana Rosa, uma

personagem importante nessa comunidade, pois foi a pioneira no processo de divulgação da identidade quilombola em Conceição dos Caetanos.

Atualmente, as festas são organizadas pelos netos de tia Bibiu. A Comunidade tem como Padroeira Nossa Senhora das Graças, e durante todo o ano são oferecidas novenas mensais em homenagem a ela, organizadas por Lucinete Caetano, como já citado, neta de Tia Bibiu. Eu tive a oportunidade de participar diretamente de uma dessas novenas, momento ímpar para a pesquisa e para a vivência e relação que construí com a comunidade. Rezei aos céus e pedi graças a Deus, a mim e a todos que ali estavam.

Essas novenas acontecem mensalmente, até a data de 20 de novembro, quando acontece a Festa do Zumbi, tradicional festa da comunidade, conhecida também como "dia do Zumbi", também denominado de "a festa do Zumbi" ou "a noite do Zumbi", que coincide com as comemorações pelo dia da Consciência Negra e da Padroeira. A programação começa no dia 18 e segue até o dia 27 de novembro.

Por a comunidade ser de origem católica, o contato com as religiões africanas ainda é tido como um tabu. "Não se pode fazer macumba", como dizem, e ainda me alertaram a não tocar nesse tipo de assunto. Em conversa com Tia Bibiu, ela me explicou que existe um medo da comunidade de mexer com esse tipo de coisa, e que todos sabem que existem aqueles que mantêm contato com religiões africanas e que isso é fato dentro de uma comunidade quilombola, mas que falar sobre essas manifestações ainda é muito arriscado, visto que todos ali são devotos de um só Deus e de Nossa Senhora, "a sagrada mãe do Menino Jesus".

Para os moradores de Conceição dos Caetanos a festa do Zumbi é uma forma de manter vivo o contato com seus antepassados, a relação deles com o Zumbi, negro que lutou e guerreou pela libertação dos escravos. É uma forma também de lembrar o fundador da comunidade, caracterizado como forte e guerreiro, Caetano José. A festa então se caracteriza pelas recordações do povo de Conceição, sua identidade negra como construção histórica e social, sendo assim, patrimônio vivo de Conceição dos Caetanos.

A festa principal acontece no dia 20 de novembro, com um dia cheio de programação, como apresentações artísticas de grupos de teatro e dança de outras

comunidades, como a de Águas Pretas. Nesse momento, a praça fica lotada de pessoas, todos aguardando pelas atrações que fazem parte da programação deste dia e, principalmente, pela hora da missa.

Figura 5 – Palco montado para a Festa do Zumbi – Conceição dos Caetanos Tururu/CE 2015



Fonte: Acervo do Autor

Existe também um baião<sup>13</sup> que é servido, tido como uma espécie de ceia para os que participam da manifestação. Como afirma tia Bibiu sobre a consciência negra e a festa do Zumbi, trata-se de um dia histórico para a comunidade e esperado durante todo o ano:

O sentido da Festa do Zumbi é porque nós somos uma comunidade negra e, aí, quando nós soubemos da história do Zumbi, a gente conheceu a realidade e começou a se organizar, fazer reuniões, pra que a gente pudesse descobrir como começou a história dos nossos antepassados, como o Paizim Caetano José da Costa, que foi um homem muito corajoso, muito forte, tanto no espírito, como no corpo. E ele trabalhou corretamente, grato, para que pudesse arrumar um meio pra comprar essa localidade. E então, a gente se sentiu orgulhosa com essa comunidade. Começou a comemorar o

---

<sup>13</sup> Baião de dois é um prato bem típico do Nordeste brasileiro, receita que foi originada no Ceará. Prato este que é preparado com arroz e feijão, juntos e frequentemente se é utilizado carne de charque e queijo.

Zumbi, que foi um negro que guerreou pela libertação dos escravos. (Informação verbal<sup>14</sup>)

Esses movimentos negros, segundo Bibiu, foram introduzidos na comunidade por Ana Rosa, militante do Grupo de União e Consciência Negra (GRUCON), ente os anos de 1984 e 1985. Até hoje não existe uma certa coesão entre o povo de Caetano em aceitar as ideias propostas por Ana Rosa; algumas das manifestações apresentadas por ela, como músicas, cantigas, danças, orações, foram considerados por alguns como *macumba*, o que acabou provocando a saída dela do local.

Esse processo em que Ana Rosa esteve diretamente inserida tem muita relação com o processo de reconhecimento da comunidade enquanto quilombola, pois essa palavra ainda era desconhecida na comunidade até o momento em que Ana desenvolveu o trabalho de conscientização negra na comunidade. Houve uma resistência por parte dos moradores, principalmente por Dona Bibiu, que segundo relatos, não conhecia muito do que Ana Rosa estava falando, como podemos entender no discurso de Sandra Caetano, filha de Dona Bibiu:

A gente vivia normal mesmo, sem conhecer direito, sem conhecer as lutas, sem conhecer outras comunidades, sem conhecer a cultura da qual nós fazemos parte. Mas aí com a chegada da Ana Rosa que é uma mulher lá de Salvador, que já era militante nesse trabalho sobre a consciência negra, que na época existia até um grupo chamado GRUCOM que era um grupo que dava vistoria pras outras comunidades negras se engajarem nesse grupo pra tá lutando junto; e aí ela veio passear aqui na Conceição, na época a mãe já era líder comunitária e aí ela passou, trouxe os conhecimentos que ela tinha lá de Salvador pra cá, falou com a minha mãe, mas a minha mãe ela não tinha esse conhecimento sobre a cultura negra, ela ficou meio assim, por que você sabe que algo que você não conhece, você fica com medo. Aí ela trouxe músicas, danças da religião do Candomblé aí a minha mãe não aceitou, não aceitou de jeito nenhum. (Informação verbal<sup>15</sup>)

Segundo Tia Bibiu, a população não aceitava esse tipo de movimento. Mesmo tendo saído da comunidade, Ana Rosa segue como pioneira na inserção da comunidade dentro dos movimentos negros, deixando um legado de material que

---

<sup>14</sup> Entrevista realizada por Alex Ratts com Dona Bibiu. Novembro, 1994 (apud)

<sup>15</sup> Entrevista realizada com Sandra Caetano, 33 anos, em Conceição dos Caetanos no dia 01/11/2015

até hoje é utilizado dentro dos movimentos culturais e religiosos da comunidade, como, por exemplo, o fato de *Paizim Caetano* ser comparado com o próprio Zumbi dos Palmares, visto como um antepassado heroico da comunidade, que se descobriu em relação à sua identidade negra, inserida nos movimentos africanos, quilombolas e de escravidão.

Percebi nos depoimentos de vários entrevistados durante a pesquisa, que Ana Rosa é uma espécie de figura mítica e histórica dentro da comunidade, assumindo um papel de restauradora da identidade negra dentro de uma comunidade que até 1984 ainda não tinham acesso à informação sobre os direitos que os negros poderiam assegurar.

Ana Rosa exerceu, sem dúvida, uma função política e social muito importante nesses processos de organização da comunidade, sendo ela, bem-vinda e ao mesmo tempo não aceita na comunidade, pois suas ideologias com os movimentos negros não foram, à princípio, aceitas pelos próprios moradores, por não terem ainda o conhecimento da cultura africana que os precederam no seu processo histórico.

Com o passar do tempo, e após acesso mais amplo aos discursos do movimento de consciência negra, no entanto, os quilombolas perceberam que não precisavam estar diretamente envolvidos com religiões de matrizes africanas, mas que suas raízes continuariam intimamente ligadas com as culturas africanas disseminadas pelos determinados movimentos. Foi assim que a festa do Zumbi surgiu, não apenas para celebrar uma relação que Zumbi dos Palmares tem com a Comunidade, mas também como parte integrante da celebração do fato de Nossa Senhora das Graças ser a padroeira de Conceição dos Caetanos. Um signo religioso, católico, herdado da cultura europeia, é então posto em movimento, junto a um outro signo, profano, político, de resistência negra.

#### **4.1 Experiência Etnográfica na Festa do Zumbi**

Desbravar Conceição dos Caetanos. E encontrar nela um motivo para que tudo o que eu escutei durante a infância faça sentido. Retorno para Conceição em 19/11/2015. Um dia antes da tão esperada e tradicional festa do Zumbi. É um dia a parte na comunidade, visto que os que estão envolvidos na organização gastam

todas as suas energias para o grande dia. Nesse momento, percebo o quanto a tradição desta comunidade se reinventa a cada ano, se adapta ao tempo, se renova.

Na Comunidade, Zumbi dos Palmares é tido como um Deus libertador do povo negro, um dos grandes líderes do povo, atuando como um defensor das causas e práticas da cultura africana no Brasil. Em Conceição, esse sentido emprestado a Zumbi está nitidamente ligado ao sentido cotidianamente elaborado em narrativas orais do patriarca da comunidade, Caetano José da Costa, o Paizim.

Essa relação se estabelece pelo fato, já mencionado neste trabalho, de Paizim ter construído sozinho o lugar de morada onde todos ali vivem e respeitam. Sua imagem dentro da comunidade, assim como Zumbi dos Palmares, é de libertador, de lutador, que nos faz refletir sobre o grande sentido de a comunidade os ter como referência nos seus dias de lutas e comemorações.

Essa experiência pessoal de participar da festa refere-se aos cultos e manifestações das diversas expressões que foram experienciadas na 29ª edição da Festa do Zumbi em Conceição dos Caetanos, que acontece todo ano na data de 20 de novembro, data em que também se comemora o dia da Consciência Negra.

Chego em Conceição dos Caetanos na data de 19 de novembro de 2015, por volta de 20 horas. Nessa ocasião eu já esperava encontrar a comunidade em organização, concentrada nos preparativos do evento que viria a ser no dia seguinte. Logo quando cheguei, fui direto à praça e presenciei dois organizadores tendo uma discussão bem séria. O motivo era os prazos não cumpridos, materiais não entregues, além da pressão do "já é amanhã". Nessa discussão, já entendi o quanto esse dia é tão esperado por todos.

Em poucos momentos eu também ganhei uma função, ajudar na ornamentação da praça, que já tinha um palco montado, este que seria tanto o altar da missa, quanto o local onde a banda de forró tocaria. Encontramos então o sagrado e o profano em evidência. Todos estavam à flor da pele à espera da festa, pois nesse dia o fato de ser negro e morar em uma comunidade remanescente de quilombo representa ainda mais para todos os que estão aqui.

Entre arrumar uma coisa e outra, percebo o quanto a situação difícil não interfere no desejo de fazer. É nítido que, diante das situações, percebemos que todos aqui querem um bom resultado, querem fazer, querem que aconteça. Não

posso deixar de pensar enquanto trabalho que essa tradição da festa acontecer no dia 20/11, dia da consciência negra, está diretamente ligada ao fato da comunidade ter tido Ana Rosa enquanto militante negra, que foi fundamental para a identidade da comunidade atualmente.

A programação da festa se renova a cada ano, mas não deixa de fora a tradição da missa católica ser feita com elementos da cultura africana. Este é o dia do negro, o dia do Zumbi, o dia em que os laços católicos não se rompem, mas passam a interagir e integrar-se ao universo africano. Percebemos esses elementos em tudo o que está presente na comunidade, desde a ornamentação da festa às práticas populares, como danças, cantos, indumentárias, comidas típicas. É o dia em que se representa a África-mãe.

Sigo para a praça da comunidade com Adailton, iremos ornamentar os espaços onde a festa será realizada. Para tal ocasião a prefeitura disponibilizou iluminação, som e um palco onde a celebração da missa será realizada e a banda de forró tocará. Ainda organizaremos também o espaço para o desfile que irá acontecer dentro da programação da festa, do qual uma menina da comunidade será eleita e coroada como a Rainha da Beleza Negra, título este que será passado pela menina que foi eleita no ano anterior.

Passamos a noite em claro ornamentando os espaços e cuidando dos detalhes para a festa, os espaços são separados de acordo com as categorias que fazem parte da programação: são barraquinhas de artesanato, de comidas típicas, de jogos, tudo com a temática africana. A noite se vai, e trabalhamos sem parar, na praça, com a ornamentação praticamente pronta, faltando apenas alguns detalhes que logo cedo da manhã serão resolvidos.

Sexta feira 20/11/2015. O dia amanhece calmo. É nítida a sensação de feriado, amanhecemos ainda no processo de organização da festa, vou à praça, de bicicleta, e vejo homens consertando a iluminação. A organização precisou sair de Conceição para ir até Tururu comprar materiais para dar continuidade à ornamentação. O dia permanece calmo e com a sensação de sossego e descanso.

O sol arde na pele e tudo o que é falado por todos os cantos da cidade é que aguarda-se ansiosamente a festa do Zumbi. É importante aqui não construirmos uma estrutura em que a festa se organiza, visto que a cada edição o evento ganha

uma programação diversificada e ainda assim, mantendo o que já é de costume pelas edições anteriores.

Esse ano em especial, dona Bibiu estará participando de maneira mais distanciada do processo de organização. Sua neta Lucinete assumiu o cargo, que por anos era seu. No período da tarde as atividades se intensificam aos arredores da praça, a finalização da ornamentação, a montagem do altar, os preparativos das degustações, a organização do desfile da Rainha da Beleza Negra, no qual por convite de Adailton nessa edição eu faço parte do corpo de júri.

Figura 5 – Material de divulgação da Festa Zumbi – Conceição dos Caetanos Tururu/CE 2015



Fonte: Acervo do Autor

#### 4.2A Noite da Festa do Zumbi

À noite, por volta das 19 horas a missa em homenagem ao Zumbi se inicia. Celebrada pelo pároco da Comunidade e o Bispo Dom Emanuel, com cânticos e danças em louvor aos céus e à terra, este ano os clamores são direcionados a fazermos uma reflexão sobre o respeito e valorização da cultura negra. É o que eles chamam de celebração afro e, como no canto de entrada é citado, essa luta é o que os torna firmes para dar continuidade e sentido a tudo o que eles fazem. Podemos perceber melhor na letra da música de entrada:

*Refrão: Irá chegar um novo dia, um novo céu, uma nova terra, um novo mar.  
E neste dia os oprimidos numa só voz a liberdade irão cantar.*

*Na nova terra o negro não vai ter corrente.  
O nosso índio vai ser visto como gente.*

*Na nova terra, o negro, o índio e o mulato, o branco, todos vão comer no mesmo prato.  
Na nova terra não haverá mais divisão, a terra toda cantará em união.*

*Na nova terra só um reino, o do amor.  
Toda a igreja só terá um só senhor.*

*Na nova terra todo homem terá pão.  
Os religiosos todos um só coração.  
Os sacerdotes todos juntos a sonhar.  
No reino novo que o senhor veio preparar.*

Podemos perceber que a luta do povo Caetano, dentro de suas expressões, é por liberdade, por direitos igualitários e por tudo o que nós negros já lutamos e continuamos lutando até hoje: a luta pelos direitos igualitários de todos os cidadãos, sem distinção de cor, raça, sexo ou credo religioso.

Assim, o sincretismo permeia todo o ritual em que a festa está inserida, mantendo o caráter da doutrina-base, católica, mas inserindo elementos das religiões afro-brasileiras. Sincretismo este que está inserido no Brasil desde que o país foi colonizado e abriu espaço para três importantes tradições: a nativa, a europeia e a ameríndia. Percebemos que existe um sistema de liberdade religiosa dentro da manifestação, mesmo esta sendo predominantemente católica:

A ideia de liberdade religiosa somente pode prosperar num contexto em que se busca o respeito à igualdade de direitos entre todos os cidadãos. Com efeito, somente possui liberdade religiosa, quem pode adotar esta ou aquela opção religiosa sem recear sofrer tratamento discriminatório por parte da comunidade política. (Dos Santos Junior, 2015. P. 01)

O significado de sincretismo, de acordo com o Dicionário de Sociologia é

Processo de fusão de elementos ou traços culturais, dando como resultado um traço ou elementos novos. (...) Ele se dá pelas diferentes formas de comunicação social entre grupos distintos, heterogênicos com diferenciações em seus costumes, na sua cultura e tradição. Quando esses grupos se relacionam ocorre um processo de absorção da cultura um do outro, tomando um para si os elementos que compõe as tradições do outro e vice-versa. (DICIONÁRIO DE SOCIOLOGIA. Disponível em: [http://www.prof2000.pt/users/dicsoc/soc\\_s.html#sincretismo](http://www.prof2000.pt/users/dicsoc/soc_s.html#sincretismo). Acesso em 24 de nov. 2015)

Assim se estabelece o sincretismo. No decorrer da celebração da Missa do Zumbi, podemos entender melhor como esse sincretismo está inserido na manifestação e permeando todo o ritual. A missa se dá toda em homenagem a Zumbi dos Palmares e aos negros da comunidade, estes vestidos à caráter para o evento, com suas estampas que fazem uma relação forte com as manifestações africanas. A igreja fica aberta durante todo o evento, mas a missa acontece na praça, onde o palco foi montado para a celebração.

Estamos todos de pé, muitos convidados se fazem presente, além das autoridades, temos pessoas de outras comunidades próximas, dentre essas Águas Pretas, algumas pessoas de Fortaleza e de municípios vizinhos. Todos a espera dessa missa que é considerada diferente.

A missa em homenagem ao Zumbi e a Festa da Padroeira Nossa Senhora das Graças pode ser considerada, seguindo raciocínio de Eric Hobsbawn (1984) como uma “tradição inventada”, pois suas práticas foram criadas num sistema de identidade e autorrepresentação da comunidade:

Por ‘tradição inventada’ entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. (Hobsbawn e Ranger.1984, p. 10)

Essas tradições inventadas estão ligadas ao passado da comunidade. Algo no evento me chamou muita atenção, pois foi algo que nunca tinha presenciado, justamente o fato dessas tradições inventadas ganharem um caráter muito particular em Conceição dos Caetanos. Naquela noite, eu pude entender melhor o sentido histórico, social e político daquela comunidade.

Figura 6 – Missa do Zumbi – Conceição dos Caetanos Tururu/CE 2015



Fonte: Acervo do autor

Pude presenciar o que é contado em suas narrativas orais, desde a construção histórica, como o fato de Paizim ser lembrado como um eterno batalhador, por procurar e conquistar seu espaço. Na festa, esse espaço conquistado por Caetano José da Costa é reafirmado pelos moradores de Conceição, que até hoje estão nessa luta e mesmo com as dificuldades enfrentadas, esses objetivos continuam sendo conquistados.

Num sentido social, as relações dentro de Conceição dos Caetanos também chamam atenção, principalmente na festa do Zumbi, porque o trabalho para que a festa aconteça é feito de maneira coletiva. Assim, pude perceber que todos ali estiveram e estão até hoje unidos pelo desejo de igualdade, de paz, para que a força do homem negro seja reconhecida e que seus desejos também sejam realizados. Coloco-me também dentro desses desejos, por ser negro e por encontrar em mim um laço Caetano que me liga diretamente a Conceição, pela convivência com os moradores de lá, por ouvir seus anseios, suas dores, suas poesias. Por estar ali e sorrir com eles por um amanhã em que a paz e a igualdade estejam em constante sintonia.

A festa não somente deixa claro todo esse desejo dos Caetanos, mas também comemora o dia da liberdade dos negros, o dia em que Zumbi chega na comunidade como uma representação dessa liberdade e, principalmente, como tudo isso se relaciona com a atual realidade de Conceição dos Caetanos, que precisou passar por diversos processos para que esse dia seja tão comemorado. Nesse sentido, as “tradições inventadas” têm uma relação muito grande com o passado, caracterizado pelos seus processos de ritualização e formalização, que são impostos pelas experiências do passado, e principalmente por ocorrerem modificações que são fundamentais dentro desse processo. Além disso, essas manifestações em Caetanos, assumem um laço muito ritual, pela sua necessidade de organização do espaço onde o evento vai acontecer, por oferecer um caráter simbólico dos materiais e instrumentos utilizados e do próprio evento.

Em seus ritos, dentro da festa, percebemos o quanto essa manifestação do sincretismo religioso é forte, pois a partir disso, eles entendem que esse contato religioso em conjunto com as matrizes africanas, é capaz de curar doenças, afastar os inimigos, os espíritos ruins, conquistar objetivos, realizar desejos. A Festa da padroeira/Zumbi, como tradição inventada, interessa nesse estudo como um elemento de importância dentro da afirmação da identidade Caetano na comunidade. Percebemos que através da repetição, durante as edições em que a festa aconteceu desde o seu surgimento, foram estabelecidos valores e normas que garantiram a continuidade do evento.

Essa continuidade se dá até hoje devido os processos de repetição e a função dessa repetição diretamente influenciada por elementos do passado, trazidos por Ana Rosa, dentro do processo de construção da identidade da comunidade. Assim, entendemos que essa “tradição”, que foi inventada, se mantém não por se utilizar de seus velhos costumes e sim por usar esses velhos costumes para novos fins, ou seja, percebemos a utilização de velhos elementos assumindo outras funções dentro da manifestação.

Minha experiência foi de total crescimento pessoal e profissional, de crescimento dentro do que me propus enquanto pesquisador e artista, por fortalecer um laço afetivo com a comunidade e ainda por entender o sentido que a comunidade dá a esse dia em que vemos todos os Caetanos entrando em contato com sua identidade e como essa identidade se renova com o passar do tempo.

Conceição dos Caetanos é sem dúvida um lugar de se ouvir e se criar histórias, de desenvolver relações que são importantes na formação de qualquer cidadão e que traduzem um desejo de igualdade que por muito tempo lutamos e que continuaremos a lutar.

Entender esse processo de construção da memória coletiva e da identidade enquanto performance faz-me refletir sobre as infinitas possibilidades que a arte e o corpo nos abrem e que os caminhos que iremos seguir sempre abrirão novos percursos para que possamos, em constância, continuar seguindo. Concluir esse trabalho de investigação das relações da memória coletiva com as narrativas orais, e como esse entrelaçamento se traduz em forma de performance, significa abrir possibilidades de estudo dentro do tema que estou me propondo, mas principalmente abre uma visibilidade maior para a comunidade de Conceição dos Caetanos, para que outras pessoas despertem o interesse em entender todos esses processos que são presentes dentro de uma comunidade quilombola.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a pesquisa e a realização deste trabalho, considero que estar diante das realidades de Conceição dos Caetanos me fez, sem dúvida, desenvolver um entendimento maior sobre as questões relacionadas às comunidades quilombolas contemporâneas, os percursos e procedimentos que foram tomados para a conquista de espaço, respeito e reconhecimento atualmente. Os diálogos surgidos nesse trabalho levaram-me a analisar os processos onde a memória coletiva da Comunidade Quilombola de Conceição dos Caetanos está inserida, e como essa memória se traduz por meio da oralidade e da performance. Para tal análise, percorremos os caminhos propostos por Ecléa Bosi com seu conceito do “tempo de lembrar”, que abriu os caminhos para a pesquisa.

Percorri também durante a pesquisa para este trabalho, os caminhos propostos por Maurice Halbwachs como passos fundamentais para o entendimento de memória coletiva e da comunidade afetiva, conceitos identificados nas experiências percorridas dentro da comunidade em estudo.

Além disso, pude entender os processos que norteiam as performances culturais dentro do cotidiano da Comunidade e a dimensão da performance que se materializa dentro de sua tradição, nos seus costumes, na rotina e na vida social de Conceição dos Caetanos. Em Conceição dos Caetanos, por exemplo, dividir essa experiência de pesquisa com a comunidade, proporcionou-me investigar e conhecer de perto a identidade e desenvolver um trabalho de reconhecimento dentro da memória da comunidade, necessário tanto para os moradores, quanto para o meu trabalho na área em que desenvolvi a pesquisa, por falar de elementos como a memória narrada, a performance e a oralidade em experiências coletivas.

Todos esses elementos foram abordados através de experiências vivenciadas diretamente dentro da comunidade, por meio de entrevistas, visitas e também a participação direta na festa do Zumbi no ano de 2015, o que contribuiu profundamente para que esse trabalho fosse concluído.

Além disso, é importante considerar que as experiências vividas dentro da comunidade serão de grande valor profissional para a minha formação acadêmica, enquanto artista e também de cunho pessoal, por estabelecer um contato afetivo

com a comunidade Quilombola de Conceição dos Caetanos, de onde meus antepassados são originários.

Não é intenção minha, com este trabalho, encontrar respostas para traduzir o cotidiano da comunidade, mas sim despertar uma reflexão acerca das performances culturais através das quais a comunidade efetua o trabalho da memória coletiva e da identidade social. A principal delas foi a narrativa oral, ou “contação de histórias”, instância principal de consolidação histórica de Caetano José da Costa como pioneiro e fundador da comunidade, aquele que sozinho fugiu da escravidão e encontrou seu lugar de morada, sendo hoje responsável por cada história que ali é contada.

Reconstruir o passado de Conceição dos Caetanos é reconhecer a força existente dentro das comunidades quilombolas, por entender que ela se coloca como uma comunidade de produtiva cultura de sobrevivência distante da área urbana e que se mantém a partir do que é construído coletivamente.

Não foi meu desejo entender a comunidade como carente, em situação de negros pobres, mas sim como uma comunidade composta de pessoas que anseiam por igualdade e cidadania, que se encontra ainda em processo de organização, ampliando ainda nosso entendimento para que exista uma consciência social igualitária.

Sem dúvida, os diálogos que estabeleci tanto com as pessoas da comunidade que contribuíram para o trabalho, quanto com os autores aqui citados, não esgotam o assunto estudado, mas abrem possibilidades para destacarmos a relevância desse material de estudo que aqui é proposto e de sua possibilidade de ser ainda mais detalhadamente desenvolvido.

## 6 REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembrança dos velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

COHEN, Renato. **Performance Como Linguagem. 3. Ed.** São Paulo: Perspectiva, 2011.

DAWSEY, John C. **Antropologia e Performance: ensaios na pedra**. São Paulo: Terceiro nome, 2013.

FABIÃO. Eleonora. Definir performance é um falso problema. [09 de julho, 2009]. Fortaleza, **Diário do Nordeste**. Entrevista concedida a Fábio Freire. Fortaleza, 2009.

FILHA, Maria de Lourdes Macena. **O Potencial Turístico das Festas Populares de Fortaleza**. Tese (Mestrado em Gestão em negócios Turísticos) Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2002

FONSECA, Maria Nazareth Soares (org.). **Brasil Afro-Brasileiro. 2. Ed.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FREUDENTHAL, Aida. **Os Quilombos de Angola no século XIX: a recusa da escravidão**. In: Estudos Afro-Asiáticos. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1984.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HOBBSAWN, Eric e RANGER, Terence (org). **A Invenção das Tradições**. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

LEAL, Luana Aparecida Matos **Memória, Rememoração e Lembrança em Maurice Halbwachs**. São Paulo, v. 18, p. 1-8, 2012. Disponível em: <<http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao18/artigos/045.pdf>> Acesso: 14/11/2015

MARTINS, Priscilla Rodrigues. **Conceição dos Caetanos: Memória e Identidade**. Cadernos Imbondeiro. João Pessoa, Paraíba. v.2, n1, 2012. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ci/article/view/14160>> Acesso: 29/04/2015

PAVIS, Patrice. **A Encenação Contemporânea: origens, tendências, perspectivas**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

RATTS, Alecsandro (Alex) J. P. **Conceição dos Caetano: Memória coletiva e território negro**. Palmares em Revista Nº 1. Brasília, Fundação Palmares, 1997. Disponível em:

[http://www.academia.edu/6142387/Concei%C3%A7%C3%A3o\\_dos\\_Caetano\\_mem%C3%B3ria\\_coletiva\\_e\\_territ%C3%B3rio\\_negro](http://www.academia.edu/6142387/Concei%C3%A7%C3%A3o_dos_Caetano_mem%C3%B3ria_coletiva_e_territ%C3%B3rio_negro)> Acesso: 27/07/2015.

\_\_\_\_\_. **Parentes, Conhecidos e Estranhos: Relações Interétnicas e Quilombos.** “Relações Raciais e Etnicidade” – Sessão “Relações interétnicas no âmbito rural” do XXIII Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu, Minas Gerais, 1999. Disponível em: < <http://www.anpocs.org.br/encontro/1999/1999.htm>> Acesso: 06/05/2015

SCHECHNER, Richard. What is Performance? In: **Performance studies: An Introduction**, Second Edition. New York & Londres: Routledge, 2006. p. 28-51.

TAYLOR, Diana. **O Arquivo e o Repertório: Performance e Memória Cultural nas Américas.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

ZUMTHOR, Paul. **Escritura e Nomadismo: entrevistas e ensaios.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.